O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO
J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, J. A. Marques Gomes e Firmino de Vilhena

ANNO XXXV

ASSIGNATURAS: SEM ESTAMPILHA: anno 4$600 reis; semestre: 2$350; trimestre 1$200; avulso 50 reis. COM ESTAMPILHA: anno 5$140; semestre 2$650; trimestre 1$350; avulso 55. As assignaturas são pagas adiantadas. A circumstancia de receber o jornal sem o devolver importa responsabilidade, pela importancia do tempo porque se recebe.

PUBLICA-SE A'S QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS
Quarta-feira 23 de junho de 1886

PUBLICAÇÕES. Correspondencias particulares: linha 40 reis. Annuncios: linha 30 reis; repetições 20 reis. Publicações no corpo do jornal, por linha 60 reis. Assigna-se unicamente em Aveiro. As assignaturas são pagas adiantadas. Os manuscriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados não serão restituidos.

NUMERO 3:500

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rue S.te Anne, 51.bis

SUMMARIO:—O EXECUTIVO E AS COMMISSÕES PARLAMEMTARES.—OS CASOS DE OVAR.—MUZEU ARCHECLOGICO.—O DECRETO DE AMNISTIA.—NOTICIAS LOCAES.—NOTICIAS DIVERSAS.—NOVAS DE LONGE.—A EXPULSÃO DOS REPUBLICANOS.—SCIENCIAS.—ARABESCOS E MINIATURAS.—BIBLIOGRAPHIA.—PARTE OFFICIAL.—CARTA DE LISBOA.—TELEGRAPHIA.

Aveiro

O EXECUTIVO E AS COMMISSÕES PARLAMENTARES

A commissão parlamentar encarregada de estudar a emigração nacional, interpretando erradamente o decreto de 4 do corrente, deliberou abster-se de observar as disposições do mesmo diploma, na parte em que o poder executivo tinha de ser por ella esclarecido. O governo porém que havia previsto a resistencia passiva das commissões, estava habilitado para proceder independentemente do seu concurso, e acaba de ordenar a suspensão do pagamento dos respectivos ordenados aos pares e deputados, que sendo funccionarios do estado, não houvessem previamente demonstrado, que exerceram as funcções em que haviam sido investidos por qualquer das duas camaras.

Este acto não revela só o proposito firme de zelar os dinheiros publicos; significa egualmente, que o ministerio tem força bastante para pôr em execução as resoluções tomadas dentro dos limites das suas faculdades constitucionaes.

Quem não trabalha não tem direito algum a ser remunerado, porque o empregado publico não póde legalmente ser distraido do cumprimento dos seus deveres. E se, como par ou deputado, estiver exercendo, fóra da sessão, alguma funcção, sem perder o direito ao pagamento dos seus vencimentos, precisa de mostrar na estação competente, que se achava legitimamente impedido para cumprir as obrigações do logar remunerado.

Não podia ser assim considerado só pelo simples facto de pertencer a uma commissão parlamentar. Carecia de provar, que concorria ás sessões da respectiva commissão, e que esta funccionava regularmente. Ora desde que ella se recusou a fornecer aquelles esclarecimentos, o governo não podia, nem devia proceder d'outra maneira.

Sabemos que a relaxação, alastrando-se por toda a parte, não permittia que houvesse fiscalisação alguma da parte do executivo, e que se inventou o palavrão de que elle tinha invadido a esfera da auctoridade parlamentar, no intuito de evitar que taes attribuições fossem desempenhadas com seriedade. Pretendia-se a continuação do relaxismo. Não se consentia, que houvesse dedicação pelo trabalho, e d'aqui a celeuma que se levantou na imprensa, e o desproposito com que procedeu a commissão de emigração. Tudo palinodias, que não illudiram o publico sensato.

Agora a portaria de 15 deu na questão o golpe decisivo. As commissões retraem-se e não querem dar informação alguma. E o governo tira as consequencias ao principio estabelecido por ellas. Os pares ou deputados, que sendo *empregados publicos, se tiverem ausentado* dos seus logares, e não provarem que exerceram regularmente a incumbencia parlamentar, nada receberão do thesouro. Cabúlam, mas tambem não são pesado onus para o estado. Faltam nas secretarias, ou nos tribunaes, mas em compensação nada receberão como premio dos seus ocios. Podem assim eternisar-se nas commissões para que houverem sido nomeados, mas tambem não cobrarão um ceitil como remuneração da perguiça e da inutilidade, o que, se prova boa administração, levanta tambem os reparos dos interessados, que comiam e não trabalhavam.

Mas o melhor do caso é que tão louvavel procedimento da parte do governo, tem contra si o protesto dos despeitados, de que a paixão partidaria se fez ecco, para descredito da imprensa politica. Assim devia ser, por a regra sabida, de que quem mais faz menos merece.

Pois continue o governo na faina de zelar os dinheiros publicos, e de ser util á administração e aos administrados. Mostre-se energico sem ser despotico. Exemplifique que tomou a sério morigerar os costumes, importando-lhe pouco as agressões dos que interessando-se de mais por as conveniencias proprias, tratam com plena desconsideração a causa publica.

OS CASOS DE OVAR

O *Correio da Manhã* continua a debicar, de quando em quando, nas cousas do districto de Aveiro, com uma trapalhice tão caricata e com uma ignorancia tão petulante, que é quasi impossivel responder-lhe com seriedade e cordura.

O escrivão de fazenda de Ovar foi transferido, porque é e tem sido sempre um pessimo empregado, commettendo os maiores abusos, erros e arbitrariedades no serviço a seu cargo, sacrificando as leis e os interesses da fazenda aos seus odios de facção, maltractando de palavras e acções os contribuintes, e espancando até pessoas inermes e inoffensivas dentro da propria repartição. Tendo sido por muitas vezes censurado pelos seus superiores, havendo repetidas queixas graves contra elle, e sendo urgente pôr o serviço das contribuições ao abrigo da ignorancia e da má fé, o sr. ministro da fazenda transferiu-o para Ponte da Barca por despacho de 18 do corrente.

Pois esse celebre funccionario, não contente com tudo o que já fizera, encarregou-se de n'esse mesmo dia mais justificar aquelle salutar castigo, querendo sonegar ao exame do publico, e até á inspecção do administrador do concelho, que é ao mesmo tempo o presidente da junta dos repartidores, a matriz da contribuição industrial. No acanhadissimo cubiculo onde elle e os seus escripturarios teem as suas escrevaninhas de trabalho é que queria que toda a gente fosse vêr a matriz, e era elle proprio que, folheando-a, sem consentir que ninguem se lhe aproximasse, respondia ás perguntas que lhe faziam sobre qualquer dos seus dizeres, quando mesmo não negava a resposta, perguntando grosseiramente: «e você para que quer saber isso?» Um dos contribuintes, o proprietario e radactor do *Ovarense*, foi queixar-se ao sr. administrador do concelho, e este magistrado, na sua qualidade de presidente da junta dos repartidores, em cujo poder devia estar por lei a matriz, e de que o escrivão de fazenda é um mero secretario, sem voto, e usando da faculdade de que expressamente lhe confere o artigo 76 do Regulamento respectivo, dirigiu-se áquella repartição convidando o escrivão de fazenda a expôr a matriz ao livre exame do publico, e n'uma salla contigua áquelle cubiculo, a qual é muito mais ampla. O escrivão de fazenda, insubordinando-se contra o seu legitimo e immediato superior, que era ao mesmo tempo a primeira authoridade administrativa do concelho, negou-se a facultar a exposição da matriz, allegando que nos respectivos editaes se designára a casa da repartição de fazenda, como se casa fosse o mesmo que cubiculo, como se a administração do concelho não fosse na mesma casa, e como se ao administrador não fosse por lei expressa permittida e até ordenada a livre escolha do local da exposição, segundo as necessidades do publico. Queixou-se d'isto o administrador ao sr. governador civil, que em face do regulamento lhe deu as instrucções convenientes, e ao sr. delegado do thesouro que partiu para Ovar no dia seguinte.

Não sabemos nem queremos saber quaes as informações que o sr. delegado do thesouro deu ou dá do caso ao sr. ministro da fazenda. Facil em se deixar levar las habeis insinuações de qualquer, e mais facil ainda em se determinar pelas suas affeições partidarias, é possivel que procure desculpar o seu subordinado. A verdade, porém, é que por ordem d'elle a matriz veio para a salla contigua ao tal cubiculo da repartição, e ahi poude desde então ser examinada por qualquer, sem perigo de lhe acontecer como ao pobre menor que ha mezes foi barbaramente espancado dentro do mesmo cubiculo pelo proprio escrivão.

Já vê portanto o *Correio da Manhã* que é apenas um apontoado de mentirolas o que escreveu sobre o caso, e que a *respeito de regulamento* da contribuição industrial sabe um poucochinho menos do que de concessões no Ultramar.

E quanto ao balanço ao cofre municipal fallaremos tambem, qua hoje temos mais que fazer.

MUSEU ARCHEOLOGICO

I

No ultimo n.º da *Epoca* escreveu o sr. Mello Freitas:

> «O meu particular amigo Joaquim de Vasconcellos, illustrado professor do lyceu do Porto, e notavel por tantos trabalhos de rudes investigações historicas, aconselhou um dia ao signatario d'estas linhas e ao redactor do *Campeão das Provincias*, Marques Gomes, que tractassemos de organisar um museu onde recolhessemos todas as poucas reliquias archeologicas, que fossemos colhendo n'este concelho e nos limitrophes. Com alguma iniciativa e coragem era de approveitar-se o conselho. Tróços de columnas, restos de olaria aveirense, productos industriaes diversos, armas, bordados e farrapos nativos, tudo isso são elementos que servem de base ao estudo, e que dão muitas vezes começo a largas instituições prosperas.
>
> Este appello não se dirige ás auctoridades locaes, endereça-se á flor da mocidade.
>
> Só ella tem brio e energia para arcar com os sorrisos desdenhosos dos velhos inuteis.
>
> Joaquim de Vasconcellos designou como local excellente para o museu projectado a capella da Senhora da Alegria. A paysagem não peccaria pela concessão.»

Aplaudindo a lembrança do nosso illustrado collega, devemos declarar que, temos pensado por diversas vezes na maneira porque ella ha de ser posta em pratica, e parece que, não estamos longe de a encontrar.

Tem difficuldades e grandes a creação d'um museu archeologico em Aveiro, e a maior de todas é indiferença publica por assumptos d'esta ordem; mas contra esta indiferença é que se deve levantar o nosso patriotismo e a nossa boa vontade. Indifferentes e muitos teve-os a ideia da exposição districtal de Aveiro em 1882, e apesar d'isso, e apesar da opposição scistimatica de alguem ella realisou-se com o brilhantismo que, nos dá honra e como em poucas ou nenhumas capitaes de districto se terá feito igual. Faltam-nos é verdade já alguns dos que, nos auxiliaram n'essa crusada, mas restam ainda outros que decerto nos acompanham com o mesmo enthusiasmo e é de presumir que, tambem venham novos elementos em auxilio da realisação de ideia que estamos advogando, e para que pedimos o valiosissimo concurso da imprensa local.

Antes de expormos o nosso plano sobre a creação do museu, permitta-nos o nosso illustrado collega Mello Freitas e bem assim o sr. Joaquim de Vasconcellos que, discordemos da escolha da capella da Senhora da Alegria para esse fim. Esta capella é na verdade um dos poucos monumentos que existem em Aveiro, mas é um monumento historico e não um monumento d'arte. A sua historia liga-se ao passado maritimo de Aveiro, a um passado cheio de aventuras, hoje quasi obliterado, mas que, muito concorreu tambem para as glorias que Portugal ceifou no vasto dominio dos mares. Era alli que, continuadores da obra dos Cortes-Reaes, na Terra Nova, os pescadores e marinheiros aveirenses, tinham a sua agremiação religiosa e social; porém a arte não tem guarida alli, apenas alguns azulejos, e esses poucos, do seculo XV e XVI e o arco cruzeiro em ogiva, são as unicas antigualhas que a capella possue.

As condições do templo para museu são pessimas, pois alem de demandar obras immediatas e muito dispendiosas, é humido e falto de luz. Além d'isso isolado como está corriam grave risco de serem roubados os objectos que alli se guardassem, e entre esses objectos havia necessariamente de haver alguns de valor, pois o museu que se deve criar em Aveiro não deve ser apenas um museu archeologico onde se agrupem algumas antigualhas, como inscripções, lapides, socos de columnas, misolas, tumulos, brazões d'armas, azulejos e outros exemplares de antiga ceramica; deve ser a reunião de tudo isto, e tambem a exposição permanente de todos os objectos preciosos e artisticos que existam na cidade pertencentes a corporações e a irmandades, ou ainda mesmo a particulares que, a titulo de emprestimo para alli os queiram ceder.

Um museu n'estas condições não póde nem deve ser estabelecido na antiga capella da Senhora da Alegria, salvo se quizerem dividil-o em duas secções distinctas, porque n'este caso poderia ficar aqui a parte archeologica propriamente dita e as collecções artisticas passarem para logar mais adequado e seguro. Mas ainda mesmo que se aproveitasse este alvitre, a nossa opinião ainda não era pela escolha d'esta capella, opinavamos então pela do Senhor das Barrocas que lhe fica proxima.

O DECRETO DE AMNISTIA

E' do theor seguinte o decreto de amnistia, com que el-rei quiz solemnisar o casamento do principe D. Carlos:

Artigo 1.º E' concedida amnistia geral e completa para todos os crimes contra o exercicio do direito eleitoral, e em geral para todos os crimes de origem ou caracter politico commettidos até á data do consorcio do principe real, exceptuando-se aquelles de que resultou homicidio ou alguma das lesões mencionadas na nova reforma penal, artigos 360.º n.º 5.º e 361.º

Art. 2.º E' tambem concedida amnistia para os crimes seguintes, commettidos até á mesma data!

1.º De abuso de liberdade de imprensa, em que sómente seja parte o ministerio publico;

2.º De contrabando, ficando perdidos a favor da fazenda e das pessoas a quem pertencer, segundo as leis, os objectos respectivos ao mesmo contrabando;

3.º De sedição ou assuada, não tendo havido offensa de pessoas ou propriedades, embora se tenham soltado vozes sediciosas;

4.º De deserção simples do exercito ou armada, ou de deserção aggravada, se esta o tiver sido sómente pela substracção ou descaminho de objectos da fazenda.

§ 1.º Aos desertores sómente aproveitará osta amnistia, apresentando-se elles dentro de dois mezes no reino, de quatro nas ilhas adjacentes, e de seis no ultramar, contados quanto ao reino e ilhas desde a data em que este decreto fôr publicado na ordem do exercito ou da armada, e quanto ao ultramar desde o dia em que fôr publicado na capital da provincia.

§ 2.º O tempo decorrido, desde que a praça se tiver constituido em deserção até o dia da sua apresentação, não lhe será contado como tempo de serviço para effeito algum.

Art. 3.º Os processos instaurados pelos crimes comprehendidos nos artigos antecedentes ficam de nenhum effeito; n'elles se porá perpetuo silencio; e os reus que estiverem presos, com processo, ou sem elle, serão soltos, se por outro motivo não deverem ser retidos na prisão.

Art. 4.º A's praças de pret não comprehendidas no n.º 4.º do artigo 2.º, e condemnadas á data mencionada no artigo 1.º pelo crime de deserção simples ou aggravada por alguma das circumstancias referidas no artigo 70.º do codigo da justiça militar, fica perdoada a quarta parte da pena em que foram condemnadas.

Art. 5.º Aos reus condemnados por sentença passada em julgado á data do mencionado artigo 1.º nas penas de presidio de guerra e prisão militar, fica egualmente perdoada a quarta parte da pena em que foçam condemnados.

Art. 6.º A's praças de pret, que tiverem commettido transgressões de disciplina até á data mencionada no artigo 1.º, ficam perdoadas as penas em que incorreram e lhes foram impostas.

Art. 7.º Aos reus condemnados em algumas das penas perpetuas de trabalhos publicos, prisão maior ou degredo, ficam estas penas commutadas na pena fixa de degredo por vinte e cinco annos, levando-se-lhes em conta a cada um o tempo decorrido desde que a respectiva sentença condemnatoria passou em julgado.

§ 1.º O condemnados á pena perpetua de trabalhos publicos serão levados para as possessões de 2.ª classe para ahi cumprirem o degredo pelo tempo que lhes faltar, nos termos d'este artigo; os condemnados á pena perpetua de prisão maior serão levados para as possessões de 1.ª classe; e os condemnados a pena perpetua de degredo cumprirão a pena nas possessões declaradas nas respectivas sentenças.

§ 2.º Os co-reus comprehendidos n'este artigo não poderão cumprir o degredo na mesma localidade, excepto sendo conjuges.

Art. 8.º Aos reus condemnados por sentença passada em julgado á data do mencionado artigo 1.º em penas maiores temporarias de qualquer natureza que sejam, fica perdoada a quarta parte do tempo da condemnação.

Art. 9.º As penas correccionaes de prisão ou desterro, impostas por sentença passada em julgado á data mencionada no artigo 1.º, que não excederem a um anno, ficam perdoadas aos reus; e, quando excedam, fica-lhes perdoado um anno das sobreditas penas.

Art. 10.º Nas disposições dos artigos antecedentes não são comprehendidos os reus, que depois de condemnados por sentença passada em julgado, tiverem obtido commutação ou diminuição das penas a elles impostas, nem áquelles que tendo sido accusados pela parte offendida, não tiverem obtido o perdão d'esta.

Os ministros e secretarios de estado das differentes repartições assim o tenham entendido e façam executar. Paço, em 4 de junho de 1886.—*José Luciano de Castro—Francisco Antonio da Veiga Beirão—Marianno Cyrillo de Carvalho—Visconde de S. Januario—Henrique de Macedo—Henrique de Barros Gomes—Emygdio Julio Navarro.*

Noticias Locaes

Director geral dos correios.—Esteve n'esta cidade, no sabbado de tarde, o ex.mo sr. Guilhermino de Barros, inspeccionando a direcção do correio de Aveiro, e a de Espinho, bem como foi *tambem examinar á barra o pharol, cuja* construcção está adiantada, segundo nos informam.

Apontamentos de carteira.—Veio aqui no sabbado á tarde o nosso dedicado amigo, o sr. dr. Manuel Gomes Duarte Pereira Coentro, muito digno administrador substituto do concelho de Ovar.

—Partiu para S. Pedro do Sul o nosso respeitavel amigo, o sr. Francisco Manuel Couceiro da Costa.

— Esteve no sabbado n'esta cidade o nosso nobre e illustrado amigo, o sr. Miguel Osorio Cabral de Castro, digno par do reino vitalicio.

— Esteve na sua casa do Funtão o nosso distincto amigo o sr. dr. Augusto Maria de Castro, dignissimo ajudante da procuradoria regia do Porto, e erudito redactor da *Revista dos Tribunaes*.

— Partiu na segunda-feira para Lisboa a ex.ma sr.ª D. Maria Ignez Duff, illustrada e virtuosissima superiora do collegio de Santa Joanna Princeza. A demora de s. ex.ª é apenas de alguns dias.

— Esteve em Aveiro, mas retirou já para a capital o revd.º sr. Pedro Daniel Hickey, um dos vultos mais simpathicos e illustrados do clero irlandez. S. ex.ª visitou a fabrica da Vist'Alegre e tudo que em Aveiro ha digno de ver-se.

— Foi chamado a Lisboa, para objecto de serviço, o sr. delegado do thesouro d'este districto.

Transferencias.—Foram reciprocamente transferidos os escripturarios de fazenda dos concelhos de Albergaria-a-Velha e Bragança.

— Consta-nos que vae ser transferido para Bragança o sr. Daniel dos Santos Almeida, digno intendente de pecuaria do districto de Aveiro.

Procedimento legal.—O sr. administrador do concelho mandou passar mandado de intimação ao nosso collega do *Parlamento*, para que este fosse depor na sua repartição no processo instaurado ácerca dos furtos que ultimamente teem havido na cidade. O contemporaneo, que tinha publicado variadas considerações ácerca das ultimas occorrencias, estranhou a forma adoptada por aquelle magistrado, e censurou-o asperamente.

Não nos parece que tenha razão o *Parlamento*. Fômos por vezes depôr sobre factos de que haviamos dado conhecimento ao publico, e comnosco adoptou-se o mesmo meio. A administração ordenava a intimação por via do mandado, e nós nunca levantamos reparos, porque entendemos ser aquelle o modo mais efficaz de se proceder officialmente. O officio póde não ser entregue, ou allegar o interessado como desculpa que o não recebeu, a fim de evitar responsabilidades ou forrar-se ao trabalho de ir depôr á administração.

E o que é correcto não merece censura. Póde o individuo melindrar-se, mas em cousas de interesse publico põem-se de parte os melindres, e aceita-se a praxe. E' melhor isso, que descurar os assumptos mais vitaes só com o receio de beliscar susceptibilidades.

Pela nossa parte entendemos que foi correctissimo o procedimento da auctoridade administrativa, que deu um exemplo, que deve ficar registado. Não viu o individuo a quem se referiu no mandado, para não abrir excepções, sempre odiosas, muito principalmente se attendermos ás circumstancias que concorrem na pessoa do nosso collega do *Parlamento*.

Fallecimento.—Em crudelissimas contorsões d'uma agonia lenta, succumbiu ante-hontem n'esta cidade, aos arrancos d'uma tisica, o sr. José Ferreira Vidal, moço de 18 annos apenas, de apreciabilissimos dotes, intelligente, trabalhador, dedicadissimo, um amigo leal e desinteressado, dos poucos que ainda sabem sel-o, um perfeito cavalheiro. Formado d'uma alma de sentimentos nobres e raros, tinha erguido na nossa estima verdadeira um altar de affectos que votamos agora á sua memoria, para nós bem respeitavel. Foi sempre um modelo de dedicação, um extremo de cavalheirismo, consciencioso, recto, e não havia sentimento grande que o seu excellente coração não tivesse, virtude que o não acompanhasse em todos os actos da vida.

Filho d'um honrado negociante d'esta praça, o sr. Norberto Ferreira Vidal, perdera a mãe em pequenino, e o pae ha pouco ainda. No seu testamento, deixa tudo ás irmãsitas, sob condição de só receberem capital e juros depois de completa a maior idade.

Que a sua alma descance em paz.

Incendio.—Hontem, já de noite, começou a vêr-se d'aqui, no horisonte do norte, signal de incendio, que todos suppunham ser qualquer queimada insignificante em algum dos muitos ilhotes da ria. A sua duração porém, o vulto que as chammas iam tomando, e uma observação mais demorada fizeram desconfiar que fosse nos palheiros da beira-mar da importante Costa da Torreira, o que ás 10 horas e meia foi confirmado por uns barqueiros que vinham d'aquelle lado. Todo o soccorro d'aqui seria tardio, porque a distancia é enorme, e a unica communicação é pela ria. Ainda assim, o sr. governador civil Manuel Firmino mandou immediatamente preparar barcos, e promover a ida da companhia dos bombeiros voluntarios com o respectivo material de soccorros. Esta benemerita companhia, sempre prompta aos maiores sacrificios no desempenho da sua missão heroica, congregou-se a toda a pressa, e partiu logo para lá. A'quella hora da noite não foi facil a convocação, pois seria causar alarme perigoso na cidade tocar os signaes de incendio. Alguns cavalheiros prestimosos é que se prestaram a andar por todos os recantos da cidade, despertando e convocando individualmente cada um dos bombeiros, quasi todos artifices, moídos do trabalho de todo o dia.

Por participação telegraphica de Estarreja, recebida aqui ao meio dia, consta que o fogo começou hontem ás 8 horas da tarde pouco mais ou menos. A causa do incendio foi o cahir um morrão de cigarro sobre uma porção de palha, em que cahiu depois uma candeia cheia de gaz. Deu causa á queda uma pequena desordem entre dois rapazes. Da palha communicou-se o incendio ao palheiro que era de madeira e d'este aos que lhe ficavam visinhos, ardendo 15 grandes, e 18 a 20 menos importantes. Ardeu o palheiro da companha da *Retirada*, bem como as redes de pesca e seus aparelhos, e juntamente tres barcos de lenha, perdendo-se tambem 3 pipas e meia de vinho. O prejuizo é calculado entre 10 a 12 contos de reis.

Agora mesmo, duas horas da tarde, acaba de chegar a briosa corporação de bombeiros voluntarios com o respectivo material. Os denodados bombeiros confirmam os promenores que, nos foram communicados telegraphicamente, acrescentando que, quando chegaram ao local do sinistro, 4 e meia horas da manhã, já o incendio se podia considerar extincto, extincção esta devida ao obstaculo que, o fogo encontrou na sua marcha destruidora e que, foi uma casa de pedra e cal, cujas paredes eram muito mais altas do que os palheiros incendiados.

Corpus Christi.—Deve sair ámanhã a procissão de Corpo de Deus, da Egreja da Sé, pelas 4 horas da tarde.

Noticiando-o agradecemos á illustrada camara o convite com que nos honrou.

No Gremio.—A não ser pela concorrencia de senhoras, que a cada vez augmenta, como por exemplo n'este ultimo domingo em que a sala grande estava quasi completamente guarnecida, as alegres reuniões semanaes vão perdendo todo o seu encanto familiar, a animação viva d'outras eras, porque a *moda*, o *hig-lif* manda que alguns srs. directores não ponham cobro a umas tantas coisas *sérias* que alli vão nascendo hora a hora. Sacrifica-se a vontade de todos ás exigencias de um ou dois socios, e se houver alguem que cometta o delicto de commentar, pode responder-se-lhe com umas expressões pouco amaveis e menos generosas. N'este ultimo dia reinava a mais profunda desanimação. Incumbira-se a ordem da noite a um cavalheiro que pode ser muito boa possoa, cujas excellentes qualidades pessoaes não temos duvida até em reconhecer, mas que, deve dizer-se por preito á verdade, não nasceu para isto. Acceitou as imposições que lhe fizeram, contra a seriedade e o bom senso de todos, e as quadrilhas, as enthusiasticas quadrilhas d'outros tempos, transformaram-se n'umas aborrecidas scenas mudas, que provocavam o somno a quem dançava e a quem via; as walsas, esse divinisador excitante de affectos sublimes eram entrecortadas de dois a dois minutos pelas palminhas descaroaveis do sr. director. Nós iamos até principiar quando s. s.ª se *dignou* mandou parar a musica, que, tambem por preito á verdade, precisa de reforma no reportorio fastidioso. E agora digam-nos: isto é sério ou imbecil? Continuaremos na mesma, ou transformar-se-ha o abuso? Precisará tudo isto de que nós continuemos tambem zurzindo, ou deixar-nos-hão ficar por aqui?...

A accusação na causa Marinha Correia.—O nosso intelligente amigo e distinctissimo delegado do procurador regio na 3.ª vara do Porto, o sr. dr. Alfredo Paçô Vieira, publicou em opusculo os dois brilhantes discursos de accusação que proferiu na audiencia do julgamento de Marinha Correia em 8 de maio ultimo. São duas peças notaveis de eloquencia juridica, que mais confirmam os bellos creditos que como publicista e como magistrado tem adquirido este sympathico moço. Agradecemos o exemplar com que nos presenteou, e que lemos com interesse e agrado.

Raia.—Alguns dos nossos estimaveis collegas, referindo-se a uma noticia d'um illustrado correspondente d'esta cidade, informáram que alguns cavalheiros d'aqui projectam o estabelecimento de ostreiras artificiaes no Vouga! Devemos notar-lhes, porém, que o Vouga é rio doce, e as ostras só vivem na agua salgada, e que por isso deram *raia*, accrescendo que o Vouga desagua a 3 leguas do sitio do estabelecimento, que deve ser na ria da Costa Nova e defronte da barra.

Desastre.—No domingo, pelas 11 horas da manhã, deu-se no logar de Nariz um caso lamentavel. Andavam dois homens a apanhar cerejas, na altura de 9 a 10 metros, quando um d'elles, por nome Manuel, cahiu da cerejeira abaixo, com tanta infelicidade, sobre uma estacada de ripas, que uma d'ellas, mais aguda, lhe penetrou no ventre, feriu-lhe um dos pulmões e saiu-lhe pelas costas. O infeliz durou apenas meia hora: já era cadaver quando o medico poude chegar ao local do desastre. O infeliz era sobrinho do sr. padre Bernardo Thomaz da Silva Ribeiro, que exerce com distincção o logar de delegado parochial da freguezia de Nariz. Tinha 24 annos de edade, e era o administrador da grande casa que este seu tio possue. Foi sepultado á uma hora da tarde do dia 21, depois de lhe terem sido feitos officios de corpo presente, a que assistiram muitos fieis tanto d'aquella freguezia como das circumvisinhas. O corpo foi acompanhado ao cemiterio por 18 clerigos e pela philarmonica da Palhaça.

Queda e morte.—Na manhã de quinta-feira, da semana passada, andando uma mulher do logar do Feirral, freguezia de Cucujães, a apanhar cerêjas, quebrou um dos ramos em que se sustinha, e ella cahiu tão desastradamente que morreu logo.

Capitania do Porto.—A secretaria da Capitania do Porto de Aveiro mudou da Rua do Sol para a Rua Direita.

Vales do correio.—Foram auctorisadas a emittir vales as estações postaes dos concelhos d'Oliveira do Bairro e Macieira de Cambra, d'este districto.

A' auctoridade.—Nas avenidas do Caes, até ás Pyramides, costumam todas as tardes nadar o rapazio e alguns homens até, em completo estado de nudez, o que é um attentado á moralidade e revolta á decencia e honestidade. Passa por alli muita gente, e não é raro ouvir-lhes tambem umas *graçolas* chulas que fazem córar de vergonha a quem os escuta. Veja-se isto com cuidado, tenha-se algum respeito pelo pejo dos outros, faça-se em summa uma boa policia.

Transferencia de fundos.—Na semana passada foram transferidos do districto de Coimbra para o cofre central d'este districto 8:000$000 réis.

Luzo e Bussaco.—N'estes pittorescos e aprasiveis sitios já se acham muitas familias, tomando beneficos ares e salutares banhos.

Trabalho no mar.—Continúa bom o mar, e a pesca a mesma—pouca petinga, de pouco valor, pois que tem estado no mercado por 160 réis o milheiro, tão miuda é.

Pesca salgada.—O caes está cheio de cahiques carregados de pesca salgada, sendo quasi tudo chicharro, que se vende pelo preço de 500 réis o milheiro.

Noticias Diversas

Parabens.—Deu á luz com bastante felicidade uma robusta creança do sexo feminino a ex.ma sr.ª D. M. da Conceição, esposa do nosso bom amigo, distincto e nobre cavalheiro o ex.mo sr. Antonio de Lemos Corte Real, de S. Fagundo de Taboa, e um dos mais fortes correligionarios do partido progressista. Aos paes estremosos enviamos felicitações.

P.

Porto de Leixões.—O *Monitor de Bonças* dá os seguintes esclarecimentos a proposito d'esta obra verdadeiramente gigantesca:

«Molhe do Norte—Durante as marés vivas de maio assentaram-se no muro d'abrigo, 9 blocos artificiaes na primeira fiada ou nas fundações, 9 na 2.ª, 9 na 3.ª, e 39 nos enrocamentos, para protecção do mesmo muro d'abrigo, conseguindo-se um avanço de 18 metros.

Durante o corrente mez assentaram-se nas fundações do muro d'abrigo 14 blocos artificiaes, dando um avanço de 29 metros.

No mez passado constituiram-se nos estaleiros d'este molhe 29 blocos artificiaes para o muro d'abrigo e 16 para enrocamentos; e durante o corrente mez 10 blocos para o mesmo muro de abrigo e 38 para os onrocamentos.

Molhe do Sul—O avanço do muro de abrigo durante o mez de maio foi de 23 metros, construidos em 11 blocos artificiaes de fundações, prefazendo o adiantamento total desde a origem na praia 347,35 metros.

Tambem se collocaram 18 blocos artificiaes nos mesmo enrocamentos pelo lado exterior do porto a proteger as fundações do muro de abrigo.

Construiram-se nos estaleiros 48 blocos artificiaes, sendo 37 d'estes para serem empregados nos enrocamentos.

Tambem se trabalhou na construcção d'um fosso para manobras do apparelho de suspender os blocos.

No corrente mez já o mesmo muro de abrigo avançou 20 metros construidos com blocos artificiaes.

Collocaram-se tambem 8 blocos artificiaes pelo lado exterior do porto, e nas occasiões de maré alta trabalharam na construcção da calçada aonde assenta a via ferrea do «Titam» e na construcção do muro de abrigo acima do plano do caes.

Acham-se construidos nos estaleiros 30 blocos artificiaes para o muro d'abrigo e enrocamentos.

Tambem se acha em montagem o apparelho para suspender os blocos artificiaes, que brevemente funccionará.»

Despachos ecclesiasticos.—Fizeram-se os seguintes:

O presbytero Manuel Jacintho Simões, apresentado na egreja parochial de Nossa Senhora de Entre Vinhas, no concelho de Mertola, diocese de Beja.

O presbytero José Antonio d'Almeida, apresentado na egreja parochial de Santa Catharina de Sélmes, no concelho de Vidigueira, diocese de Beja.

O presbytero José Gonçalves Nunes Duarte, apresentado na egreja parochial de Nossa Senhora da Conceição de Safara, no concelho de Moura, diocese de Beja.

O presbytero José Pedro Alves, parocho collado na egreja do Sobral, diocese de Beja, apresentado na egreja parochial de S. Salvador de Aljustrel, da mesma diocese.

O presbytero Joaquim Ribeiro dos Santos Cunha, parocho collado na egreja de Santa Cruz, na villa do Barreiro, diocese de Lisboa, apresentado na egreja parochial de Coimbra.

O presbytero Domingos José Gomes, apresentado na egreja parochial de S. Nicolau de Basto, no concelho de Cabeceiras de Basto, diocese primaz de Braga.

Foi acceite ao presbytero Manuel João da Varanda, parocho collado na egreja de Santa Marinha de Tropeço, na diocese do Porto, a desistencia da egreja de Santa Cruz de Alvarenga, no concelho de Arouca, diocese de Lamego, em que foi apresentado por decreto de 4 de março ultimo.

Guarda fiscal.—Publicou-se em 15 do corrente o boletim n.º 13 e contém o seguinte, entre outros actos officiaes já conhecidos:

Portaria restabelecendo a auctorisação especial, que fôra dada em portaria de 28 de julho de 1866, para a importação de palma e esparto pela antiga delegação de segunda ordem, hoje posto fiscal, da alfandega de Faro na villa de Albufeira; e declara que os postos fiscaes do littoral ficaram completamente equiparados, em attribuições, ás antigas delegações de segunda ordem das alfandegas, maritimas, nos termos do artigo 88.º § 2.º do decreto n.º 3 de 17 de setembro de 1885, não havendo necessidade de irem os navios primeiramente á séde da alfandega, quando pretendam aportar nas localidades onde taes postos se encontram; mas sendo mister unicamente, para os convenientes effeitos de fiscalisação, que os chefes dos mesmos postos dêem communicação telegraphica aos respectivos directores de quaesquer operações commerciaes que os navios intentem realisar quando essas operações não forem de cabotagem simplesmente.

Nomeando thesoureiro do conselho administrativo do batalhão n.º 3, o capitão quartel-mestre, julgado incapaz do serviço activo, Miguel Augusto de Sousa Pinto;

Thesoureiro do conselho administrativo do batalhão n.º 4, o major reformado, José Lucio Alvares de Frias;

Chefe da secção de Peniche, o chefe de 2.ª classe, Joaquim da Cunha Pinto Telles Jordão;

Chefe da secção de Campo Maior, o chefe de 2.ª classe, Jeronymo Pereira de Vasconcellos e Ornellas;

Chefe da secção de Lisboa (Santa Apolonia) o chefe de 1.ª classe, Manuel Fernandes Bandeira;

Chefe da secção de Idanha a Nova, o chefe de 1.ª classe, Joaquim Maria dos Santos:

Chefe da secção do Porto (Pinheiro), o chefe de 1.ª classe, Julio Augusto dos Santos;

Chefe da secção do Porto (Boa Vista), o chefe de 1.ª classo Antonio José Diogo, pelo pedir;

Chefe da secção de Braga, o chefe de secção de classe, Antonio Augusto Ribeiro;

Chefe da secção de Evora, o chefe de 1.ª classe, Antonio Bernardino, pelo pedir.

Chefe do districto maritimo de Lisboa, o chefe de districto da companhia das ilhas adjacentes, Joaquim do O' Ramos:

Considerado addido o chefe de secção de 1.ª classe, em inactividade temporaria, pelo pedir, Filippe José Lopes;

Chefe do districto maritimo de Ponta Delgada, o chefe de districto, Francisco Baptista Ribeiro;

O tenente coronel do estado maior de artilheria, Elyseu Xavier de Sousa e Serpa, para exercer, de commissão, o logar de chefe da 4.ª repartição da administração geral das alfandegas e contribuições indirectas;

Para exercer, de commissão, o logar de vogal do conselho de administração do fundo da massa do corpo da guarda fiscal, chefe da secção de contabilidade do mesmo concelho, o capitão de infanteria 7, Carlos Tolentino Pimenta Tello.

Louvado o chefe de secção de 2.ª classe, José Augusto Côrte Real Mascarenhas, pela maneira briosa como se houve na captura de um criminoso condemnado a vinte e cinco annos de degredo por homicidio voluntario.

Punido com um mez de suspensão de vencimentos, o chefe de secção de 2.ª classe, Francisco José Lopes Navarro, por proceder com negligencia e leviandade na indagação de factos criminosos praticados por praças pertencentes á secção fiscal do seu commando.

E diversas providencias tomadas pelo concelho administrativo da guarda fiscal sobre abono de vencimento dos aposentados e reformados—providencias que é impossivel que não sejam novamente alteradas.

Formaturas na Universidade.—No proximo dia 27 recebem o grau de doutor na faculdade de theologia os srs. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, natural da freguezia de S. Paio de Gramaços, districto de Coimbra, Francisco Martins, natural de Campo Maior, districto de Portalegre; e Porphyrio Antonio da Silva, natural de Rendufinho, districto de Braga. Estes tres laureados academicos tinham-se formado no anno lectivo de 1884. Nos actos grandes, a que responderam ultimamente, *sustentaram* brilhantemente os excellentes creditos que tinham alcançado durante a frequencia da faculdade. Os themas das respectivas dissertações inauguraes foram os seguintes: «De divortio: quatenus sociali progressui adversatur», do primeiro; «Romani Pontificatus salutaris influxus»; do segundo; e «De diluvii biblici veritate», do terceiro. Havendo na faculdade de theologia tres vagas de lentes substitutos, é de presumir que os novos doutores entrem muito brevemente para o magisterio superior da Universidade.

— Habilitam-se igualmente para o grau de doutor, que deverão receber no principio do proximo anno lectivo, os seguintes academicos:

Em direito—O sr. Manuel Dias da Silva, natural de Santa Christina de Longos, districto de Braga.

Em medicina—Os srs. Eduardo de Abreu, natural de Angra do Heroismo; Bazilio Augusto Soares da Costa Freire, natural de Travanca de Lagos, districto de Coimbra; e Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, natural de Lamego.

Em mathematica—O sr. Henrique Manuel de Figueiredo, natural de Coimbra.

Em philosophia—Os srs. Arão Ferreira de Lacerda, natural de Touro, districto de Vizeu; e João Gualberto de Barros e Cunha, natural de Lisboa.

Telephone entre Lisboa e Porto.—O engenheiro belga, sr. P. Willemin; que se acha presentemente em Lisboa, fez uma proposta ao governo para o estabelecimento de uns novos apparelhos destinados a approveitarem-se as linhas telegraphicas para as transmissões telephonicas a grandes distancias. Para esses apparelhos serem utilisados é necessario que dois fios entre Lisboa e Porto se substituam por outros de um metal especial e que mais se prestam á transmissão do som da voz.

Esses dois fios poderão funccionar ao mesmo tempo para o telegrapho e para o telephone, sem o minimo inconveniente. Parece que pelo mesmo systema serão ligadas umas poucas de cidades, sendo naturalmente escolhidas as cabeças do districto, como Santarem, Leiria, Coimbra, Aveiro, alem de Lisboa e do Porto. Na Belgica já de ha muito estão estabelecidas as rêdes telephonicas que ligam Bruxellas com todas as principaes cidades do paiz. O preço da transmissão é de 1 franco, ou 180 reis, por 5 minutos. Provavelmente entre nós, se chegarmos a ter esse grande melhoramento, o que sinceramente desejamos, o preço será de 200 reis.

Promoção na armada.—A fim de se preencher a vacatura que occorreu no quadro dos officiaes da armada, vae effectuar-se a seguinte promoção:

A capitão de fragata, o sr. capitão-tenente Fernando A. da Costa Cabral.

A capitães-tenentes os srs. 1.ºs tenentes João Monteiro Pinto da Fonseca Vaz, José A. Alves do Rio, Albino Alves Branco e, sem prejuizo de antiguidade, D. Miguel Antonio de Mello, por estar servindo no ultramar.

A primeiro tenente, o segundo tenente sr. Aristides Paes de Faria.

Um santo portuguez.—Na segunda-feira passada celebrou-se em Ganfey, freguezia do concelho de Valença do Minho, a romaria de S. Theotonio, que d'alli foi natural, sendo baptisado na pia do mosteiro de Benedictinos da referida freguezia. A capella em que se venera foi edificada na casa de seus paes, em Tardinhade, junto a uma fonte chamada do *Forninho*, que ainda lá existe. Na mesma capella guarda-se do Santo uma reliquia grande, que é o osso de um dos hombros. Até á edade de 10 annos aprendeu n'aquella freguezia as primeiras lettras, que os monges de S. Bento lhe ensinaram, passando depois para Coimbra, no anno de 1092, onde viveu com Cresconio, bispo d'aquella cidade, que era seu tio, completando alli a sua educação litteraria.

Falleceu em Coimbra, sendo prior do convento de Santa Cruz, no dia 18 de fevereiro de 1162.

Remedio contra a hydrophobia.—O *Jornal de Santo Thyrso* insere a seguinte interessante noticia:

«Ha uma senhora n'esta villa que tem um remedio efficaz contra a hydrophobia. Os seus antepassados applicaram-n'o a muita gente, produzindo sempre o effeito desejado, e ella continúa a curar com esse remedio, mais por sentimentos humanitarios e caritativos do que por interesse, pois pouco lucro aufere de cada cura. E' grande o numero das pessoas curadas e ainda em nenhuma falhou o remedio, o que prova a sua efficacia.

Ha dias apresentaram-se-lhe duas pessoas, ás quaes deu o medicamento, que já ha muito devia ter sido submettido a um exame de pessoas competentes, para se tornar bem publico onde elle se fazia. Durande os ultimos dez annos curou 403 pessoas, calculando-se em 40 o termo medio em cada anno.»

Novas de Longe

As loucuras do rei da Baviera.—Poder-se-hiam escrever volumes com as lendas que correm pelo mundo sobre as extravagancias do rei da Baviera, verdadeiras umas, inventadas outras. Por muito tempo se publicaram noticias das famosas representações das operas de Wagner, com um luxo nunca visto, no seu magestoso theatro de Bayreuth, não permittindo mais espectadores senão a elle proprio. E o que se disse dos seus palacios verdadeiramente magicos que fazia construir á custa de milhões sobre milhões; do segundo andar de um d'esses palacios que converteu em jardim suspenso, em um formoso lago sulcado de gondolas de surprehendente riqueza, tiradas por cysnes, onde o rei se embarcava, vestindo os trajes dos heroes das lendas do Rheno?

N'aquelle lago desencadeiavam-se tempestades artificiaes e todas as manhãs cobria o horisonte um panorama novo feito pelos melhores pintores do reino. Umas vezes era o Bosphoro, outras Veneza, outras passagens dos tropicos ou dilatadas planicies similhando as estepes russas.

Ultimamente o rei abandonára a paixão do theatro para se dedicar inteiramente a todo o genero de construcções. Cada pico inaccessivel parecia-lhe um logar adequado para alli construir um sumptuoso castello, e a custo se vê um cume dos montes bavaros que não esteja coroado com um palacio ou com uma modesta torre. Ultimamente preoccupava-o a ideia da construcção de um palacio chinez que supplantasse em riqueza o do proprio imperador do Celesto Imperio.

De trenós tinha uma collecção soberba. Eram carroças no estylo das que possuem os reis de Hespanha e Portugal, magnificamente pintadas e ornamentadas, que tanto serviam para andar sobre rodas como sobre o patim dos trenós. N'ellas achavam-se installados os mais adiantados apparelhos de luz electrica. E á noute, quando a nebrina occultava os caminhos e as veredas das montanhas, os trenós do rei Luiz passavam derramando uma luz intensa, rapidos como relampagos, diante das choupanas dos aldeãos, emquanto as mulheres se quedavam cheias de terror, julgando que acabava de passar por diante dos seus olhos algum phantasma das caçadas infernaes das lendas allemãs.

Outra das manias favoritas do rei, ainda que menos conhecida, era vestir-se de cavalleiro andante, e com estranho morrião sobre o capacete, rico escudo no braço e lança em riste, atravessar as selvas em veloz carreira, imaginando ser um dos cavalleiros da Tavola Redonda, que ia libertar princezas encantadas por magicos ou captivas no meio de temiveis dragões. Rebentava cavallos uns após outros, sem tomar mais descanso que o o tempo necessario para beber um copo de cerveja que lhe offerecia algum dos seus familiares disfarçado em hospedeiro da Idade Media, e por fim ia cahir prostrado de cansaço na cabana de algum supposto ermitão, d'onde o transportavam para um dos seus palacios mais proximos.

A loucura do rei da Baviera era hereditaria. Seu pae, famoso pelo seu amor ás artes e á célebre dançarina Lola Montes, e seu avô tiveram um tanto de loucos; seu irmão Othon está interdicto ha annos e vive sob tutella.

Como e em que circumstancias se determinou a loucura do rei Luiz é cousa sobre a qual se differem os seus biographos. Fallam uns de um defeito physico que teve desde que nasceu e que a sciencia não póde debellar.

Contam outros que o rei nunca amára mulher alguma, quando tendo 22 annos visitou a exposição de Paris. Então conheceu a imperatriz Eugenia e concebeu por ella uma verdadeira paixão platonica que por nada do mundo queria revelar. Quando se retirou para a Baviera, segundo o costume entre os soberanos, a imperatriz beijou-o na face. Então o rei Luiz retirou-se soluçando para o interior do coche e durante algumas semanas não proferiu uma unica palavra. Desde então dizem que data a loucura do rei Luiz.

Ha, porém, quem affirme ainda que a musica de Wagner foi uma das causas mais poderosas da desorganisação d'aquella cabeça régia. Seja, porém, como fôr, o que é certo é que o imperador Guilherme, grato ao rei Luiz por ser elle quem propôz em Versalhes a coroação do então rei da Prussia como imperador da Allemanha, o protegeu sempre até o ultimo momento contra a declaração de incapacidade que a camara bavara lhe queria impôr.

As dividas do pobre rei, que tanto deram que fallar, dizem que ultrapassam a somma de 7 mil contos. As despezas que fazia eram na verdade extraordinarias. Além dos palacios que mandára construir e que lhe custaram rios de dinheiro, o rei Luiz gastou em um gabinete-toucador, cuja mobilia é toda de porcellana, a quantia de 360 contos de réis! Um lustre gigantesco que a fabrica real de Meissen, levou quatro annos a construir, custou-lhe cerca de 230 contos. Uma cama que encommendou, custou-lhe 180 contos, dando pela colcha e por outros objectos algumas duzias de contos. Quando tratava de adquirir um objecto artistico, o rei Luiz não olhava a dinheiro. Todos os thesouros do mundo não lhe bastariam para realisar as suas extraordinarias phantasias.

O rei da Baviera viu os primeiros annos do seu reinado abençoados pelo povo, e passava então por ser um rei verdadeiramente liberal, além de um artista instruido e talentoso, um musico distincto dedicado ás recordaçoes classicas. Converter Munich em uma nova Athenas foi sempre uma das suas phantasias.

Mas, pouco depois, o artista classico, o musico, o poeta, tudo desappareceu, deixando em seu logar uma especie de selvagem que procurava a solidão, que inventava e traçava palacios phantasticos, theatros magnificentes, que arremessava o dinheiro pelas janellas fóra, surprehendendo o mundo, que pouco a pouco o foi considerando como o unico rei legendario, poetico e interessante do nosso tempo.

Mas as suas phantasias, as suas loucuras eram incompativeis com a razão do Estado, e por esse motivo as camaras bavaras destituiram o pobre rei e proclamaram como regente o principe Luitpoldo, tio de Luiz II.

A monarchia da Baviera.—A mais antiga das dynastias que hoje reinam na Europa é a de Wittesbach de Baviera, e que se acha representada pelos seguintes principes:

Luiz II, Oton Frederico Guilherme, rei da Baviera, conde do Palatinado de Rheno, duque de Baviera, Francovia e Suavia. Nasceu em 25 de agosto de 1845, e succedeu a seu pae, Maximiliano II, em 10 de março de 1864. Não contraiu matrimonio.

Os irmãos do rei Maximiliano II, que ainda vivem, são os seguintes: 1.º o principe Luitpoldo, que nasceu em 12 de março de 1821, casou, em 15 de abril de 844, com a archiduqueza Augusta de Austria, e está viuvo desde o dia 26 de abril de 1864. D'este casamento nasceram: o principe Luiz aos 7 de junho de 1845, casado a 20 de fevereiro de 1864, com a archiduqueza Maria Thereza de Austria e Este, e d'este matrimonio teve os seguintes filhos: o principe Rupprechet, que nasceu a 18 de maio de 1869; a princeza Aldegonda, nascida em 17 de outubro de 1870; a princeza Maria, que nasceu em 6 de julho de 1872; o principe Carlos, que nasceu em 1 de abril de 1874; o principe Francisco, nascido a 10 de outubro de 1875; a princeza Mathilde, nascida em 17 de agosto de 1877; o principe Walfgang, que nasceu em 2 de julho de 1879; o principe Hildegardo, que nasceu em 5 de março de 1881.

O principe Luitpoldo tem tambem os seguintes filhos:

1.º O principe Leopoldo, que nasceu em 9 de fevereiro de 1846, casado a 20 de abril de 1873 com a archiduqueza Gisela, de Austria; e cujos filhos são: Isabel, nascida a 8 de janeiro de 1874; Augusta, a 28 de abril de 1875; Jorge, a 2 de abril de 1880, e Conrado, a 22 de novembro de 1883; o principe Terese, nascido a 12 de novembro de 1850, e o principe Arnalfo, que nasceu a 6 de julho de 1852, casou a 12 de abril de 1882 com a princeza Thereza de Lichtenstein; nascendo d'este casamento o principe Henrique, a 24 de junho de 1884.

2.º A princeza Aldegunda, nascida a 19 de março de 1823, casada a 30 de março de 1842 com o archiduque Francisco de Austria e Este, mais tarde duque de Modena, viuva desde 20 de novembro de 1875.

Tambem foi irmão de Maximiliano II o principe Adalberto, casado a 25 de agosto de 1856 com a princeza Amalia, infanta de Hespanha D. Maria de la Paz, a qual tem actualmente dois filhos, nascidos um em 1884 e outro em 1886, o principe Affonso, que nasceu a 24 de janeiro de 1862, a princeza Isabel a 31 de agosto de 1863, e casada a 14 de abril de 1883 com o principe Thomaz de Saboya, duque de Genova; a princeza Elvira, que nasceu a 22 de novembro de 1868, e a princeza Clara, que nasceu a 10 de outubro de 1871.

Vive, tambem a princeza Ludovica, que nasceu a 30 de agosto de 1808, do segundo matrimonio do rei Maximiliano I, e casada a 9 de setembro de 1828 com o duque Maximiliado.

Pela constituição de 1828 a corôa é hereditaria em linha directa masculina. O poder executivo é da competencia do rei, não sendo os seus ministros responsaveis pelos seus actos. O poder legislativo é exercido pelo rei e pelas duas camaras, e o executivo, em nome do rei, é exercido por um conselho de Estado, de que é presidente o principe Leopoldo, e que se compõe de 17 membros, os ministros e um principe da casa real.

O 2.º artigo da secção 11.ª da constituição diz que «qualquer que seja a causa da incapacidade do soberano de estar á testa do governo, se estabelecerá uma regencia, com o consentimento dos estados, todas as vezes que a incapacidade tenha de durar mais de um anno e que o rei não tenha determinado o que se hade fazer.

O estado da incapacidade existia de ha muito no finado rei; mas os ministros com grande patriotismo tratavam de ganhar tempo com a esperança de que melhorasse, sem divulgarem os habitos excentricos que cada vez aggravavam mais a situação do rei.

Sómente quando não foi possivel poder-se materialmente prolongar esta difficil situação, é que se recorreu ao mandado constitucional, com previo consentimento do governo imperial de Berlim, posto que não interviessem n'isto pessoalmente senão o governo e as auctoridades da Baviera.

O principe regente Leopoldo foi, ha alguns annos presidente do conselho do estado.

Seguiu a carreira das armas e assistiu, como simples espectador, ás campanhas de 1866 e de 1870 e 71. Presenceou as batalhas de Gravelotte e de Sedam, a proclamação do imperio allemão em Versailles e a entrada triumphal em Berlim e em Munich no fim da guerra. O principe Leopoldo viajou, quando era ainda novo, visitando a Italia, a Grecia, o Egypto e outros paizes. As suas maneiras são simples; dotado, porém, de talento, e como seu sobrinho, protege muito as artes. Além d'isto, gosa d'uma grande popularidade. Habita o palacio real, sendo a sua dotação de 200:000 florins annuaes. A lista civil não soffrerá modificação.»

O regente da Baviera.—Ordinariamente ás oito horas da manhã nas ruas de Munich encontra-se um phaeton tirado por dous cavallos baios. Atraz do cocheiro vae assentado um general de barba grisalha. E' o principe Luitpold que pelo suicidio do rei Luiz II e pela loucura do principe Othon, hoje rei, foi nomeado regente do reino da Baviera. O principe Luitpold nasceu a 12 de março de 1821 em Wiirzbourg; tem por isso actualmente 65 annos mas está muito bem conservado.

Soldado desde a infancia conserva a alegria e o vigor d'um velho militar sadio e gasta os longos mezes de descanço que lhe permittem as suas funcções de inspector geral do exercito a caçar nos Alpes bavaros e a visitar os *ateliers* dos pintores de Munich.

Ha de ser um rei negativo; deixará as cousas seguirem o seu curso; não se desvelará para ser agradavel a Bismarck e nada fará tambem para lhe ser desagradavel. Catholico, mas não ultramontano como seu filho, o principe Luiz, viu com prazer a reconciliação entre a santa sé e o imperio allemão, mas não é de crêr que chame ao governo os catholicos-patriotas, embora os trate bem. A sua côrte continuará a ser de pintores taes como Defregger, Brandt, Lang. Diz-se que Luitpold tem bastante sympathia pela *França cuja lingua falla perfeitamente.* E' muito mais bavaro do que allemão e muito mais allemão do que prussiano.

Muito economico, quasi avaro, os innumeros quadros que revestem as paredes do seu palacio adquiriu-os por muito pequeno preço comprando-os a principiantes. E' simples, traz durante muito tempo os mesmos uniformes e é certamente menos elegante do que o seu inseparavel ajudante de campo, o coronel de Freyseblag, que é o homem mais amavel da capital de Baviera.

O principe Luitpold casou em 15 de abril de 1834 em Florença com uma princeza de Toscana, enviuvou ha 22 annos. Vive muito simplesmento, no segundo andar do palacio de Wittelsbach com sua filha a princeza Thereza, que não se quiz casar dedicando-se exclusivamente á pintura. No primeiro andar vive seu filho primogenito, o principe Luiz, futuro rei, casado com Maria Thereza d'Este, sobrinha da condessa de Chambord. Tem onze filhos.

No terceiro andar do palacio vive durante 6 mezes do anno a irmã do principe Luitpold, a princeza Aldegundes di Modena, uma allemã do tempo antigo. Passa a vida occupando-se dos negocios intimos e das festas de familia. Quando alguem lhe é apresentado, o seu maior prazer consiste em mostrar os presentes de suas sobrinhas, bordados, quadros, etc. Os outros dous filhos do principe são os *nababos* da familia Wittelsbach; o principe Leopoldo casou com a princeza Gisele filha do imperador da Austria, que faz embasbacar os habitantes do Munich com as suas toilettes mirabolantes um tanto parisienses; o principe Assulf casado com a princeza Thereza de Liechtenstein graças á grande fortuna de sua mulher soube transformar o palacio que habita n'uma residencia ultra chic.

A morte do rei da Baviera.—Os seguintes promenores são tirados d'um supplemento da *Gazeta Universal*, de Munich.

Na manhã do dia da morte, Luiz II tinha feito o seu passeio do costume no parque, e conversado com grande tranquilidade, sentado n'um banco do «Parque dos Veados.»

A' tarde o rei tinha jantado com bom apetite e muito depressa, porque não levou á meza mais de meia hora. Parecia muito calmo. A's seis e tres quartos deixou o palacio em companhia do sr. Gudden, e disse ao doutor que mandasse os creados embora.

O que se passou depois? Ninguem o sabe, nem saberá por que o drama não teve testemunhas.

A's 7 horas, o pessoal do palacio, não vendo chegar o rei nem o sr. Gudden, começou a ficar inquieto. O segundo medico, os seus ajudantes e quatro criados começaram a procurar os dois por todo o parque, quando, chegando ás bordas do lago, viram no chão a sobrecasaca e o chapeu do rei.

Immediatamente saltaram em botes, e depois de longas pesquizas conseguiram tirar da agua o corpo do dr. Gudden, e instantes depois o do infeliz monarcha, n'uma altura de metro e meio de agua.

Quando este triste achado se realisou eram 11 horas da noite.

Das investigações a que se procedeu parece resultar que quem primeiro cahiu á agua foi o medico. Isto parece provado pelas numerosas pegadas na lama do lago e pelos arranhões que se verificaram na cara do sr. Gudden. Tem dois arranhões muito fortes, e dois outros menos importantes do lado direito do nariz e na fonte direita.

O relogio do rei, parado pela agua que lhe entrou dentro, marca 6 horas e 53 minutos.

Os cadaveres foram tirados da agua pelo dr. Mueller, e pelo intendente do palacio e levados para as suas camas.

Fizeram-se as mais energicas tentativas para chamar os dois afogados á vida, mas tudo foi inutil.

O cadaver do rei foi conduzido a Munich ao palacio da *Residencia*, onde lhe seria feita a autopsia pelo professor Ruedinger.

—

A declaração dos medicos, feita sob juramento, em 8 de junho é do theor seguinte:

«Nós abaixo assignados declaramos unanimemente que sua magestade está n'um estado muito avançado de alienação mental.

A doença de que soffre el-rei é a que os alienistas mais sabedores designam pelo nome bem conhecido de *paranoia* ou demencia. Esta fórma especial da doença que ha muitos annos se tem vindo desenvolvendo a pouco e pouco, embora muito lentamente, é incuravel no caso especial de sua magestade, e não se pode esperar senão uma certa e mais consideravel depressão das faculdades mentaes.

Em virtude d'esta doença, el-rei está completamente privado do seu livre arbitro, e convém consideral-o como incapaz de exercer o poder governamental, porque esta incapacidade não durará um anno só, mas durante todo o resto da sua vida.

Assignados *Gudden, Hagen, Grashey, Hubrich.*»

A situação da Baviera.—O barão Mulsen e o geral de Pranckh foram nomeados curadores do rei Othon.

O corpo do rei está exposto na capella do palacio, sendo enorme a multidão que tem desfilado em frente do caixão funerario.

O principe regente só prestará juramento na proxima semana. A camara dos senhores (Rechsrath) reuniu, assistindo todos os principes da casa real, todos os ministros, M. de Hohenlohe, statthattes da Alsacia-Lorena, membros da camarar os dois arcebispos e todos os altos dignatarios da côrte que fazem parte da assembléa. O elogio funebre do rei foi pronunciado por M. de Lutz, presidente do concelho de ministro, que leu uma mensagem do principe Luitpold.

N'essa mensagem annuncia-se que os ministros teem o encargo de fornecer á commissão que para isso a camara nomeou, todos os esclarecimentos necessarios, mas mostra-se o desejo de que as sessões d'essa commissão sejam secretas.

M. de Franckenstein propoz que se nomeasse uma commissão de doze membros. A's deliberações d'esta, todos os membros da camara poderiam assistir, com a condição de guardarem segredo sobre o que se passasse.

Esta proposta foi votada por unanimidade, e a commissão immediatamente eleita. A camara dos deputados ia reunir; tenciona nomear uma commissão de 28 membros. Consta que o partido clerical insistirá para que o relatorio d'esta commissão seja lido em sessão publica.

São numerosos os despachos telegraphicos que se teem recebido. Todos os soberanos mandaram communicar ao regente o sentimento com que tinham recebido a dolorosa nova. O imperador Guilherme mandou um telegramma, extenso e revellando um grande pezar, de que a sinceridade é garantida pelas longas relações de amizade.

Em Berlim, comtudo, critica-se vivamente o proceder do governo bavaro por este mandar uma commissão delegada ao palacio de Hohenschwangau annunciar ao rei o estabelecimento da regencia, em vez de ir pessoalmente. Tambem se estranha que não fosse ver o seu sobrinho e soberâno.

A *Gazeta da Cruz* entende que os dias do ministerio Lutz estão contados. Não teem conta o numero de boatos que correm em Munich, a respeito dos ultimos dias do rei Luiz. E' preciso, como se comprehende, acceital-os com absoluta reserva. Entre mil outras coisas, conta-se que o rei disserera em Hohenschwangau:—Que me roubem o poder, caso é que posso supportar; mas que me declarem doido, isso é que me revolta e que eu não posso telerar. Aos criados que tinham planeado proporcionar-lhe a fuga no Tyrol, tambem se diz que o rei respondera:—Para que? Se eu quizesse escapar-me atirar-me-ia do alto da torre do castello do golfo de Pellat.

Em Munich espalhou-se um manifesto assignado pelo rei Luiz, datado de Hohenschwangau. E' apocrypho.

O lago de Starnberg

Alphonse Daudet visitou a Baviera em 1886, na vespera da batalha de Sadowa. Os habitantes fugiam dos prussianos. As casas estavam todas abandonadas. As mulheres choravam e resavam diante dos cirios accesos.

Apezar, porém, d'essas tristezas e desgraças, Alphonse Daudet conservou d'essa viagem uma recordação commovente, uma especie de visão phantastica.

O logo de Starnberg é maravilhoso—diz o grande escriptor—cercado de relva e de grandes arvores, arvores de «gente rica» nas quaes cantam os passaros, e que se reflectem nas aguas profundas e limpidas. E' mais risonho e mais alegre do que o lago de Lucerne, um pouco semelhante ao lago de Enghien, exaggerado de grandeza e de profundidade, uma enorme superficie de crystal azul. Em volta esplendidas propriedades, continuas, sem muros, quasi sem fim; e, no fundo, o esbatido ligeiro, mal definido, das montanhas do Tyrol. E' lá, que aos domingos, os camponezes das cercanias veem passeiar, maravilhados de se verem n'aquelles jardins principescos, que visitam com o maximo respeito.

O drama de outro dia passou-se na antiga propriedade do imperador Maximiliano. Dois pequenos pontões estão estabelecidos para embarcar em dois barcos a vapor, que navegam no lago. D'um d'esses pontões é que o mallogrado rei se deveria ter lançado com o dr. Gudden.

N'esse mesmo sitio encontrou Alphonse Daudet um guarda-caça, todo vestido de verde, mostrando aos camponezes espantados que o cercavam, uma descoberta recente, a arma de agulha, ainda desconhecida. O guarda interrompeu a explicação para o olhar o novo viajante, dizendo:

— Vimos já um francez. Recordo-me ter visto outro em... 1813!

Conflictos em Bruxelles.—Dizem de Bruxellas, com a data de 13, que o conselho geral do partido operario mandou affixar, n'esse dia, nas paredes, o seguinte protesto:

«Devia realisar-se hoje uma grande manifestação legal e pacifica. A auctoridade superior de Bruxellas, porém, que havia consentido a manifestação catholica de 7 de setembro do mesmo anno, julgou dever prohibil-a.

Protestamos energicamente contra esta prohibição, que tira á classe trabalhadora o meio de fazer ouvir as suas queixas e os seus protestos.

Assegurámos á referida auctoridade que não haveria alteração da ordem. Sabiamos tambem que podiamos contar com o auxilio dos operarios de Bruxellas e da provincia.

E' necessario que a classe operaria mostre todo o odioso das medidas vexatorias e escandalosas, abstendo-se cuidadosamente de toda a manifestação.

A mesma auctoridade tirou ao comicio de Bruxellas uma receita certa de centenas de milhões de francos, devendo, por isso, fazer soffrer bastante os negociantes pequenos.

Além d'isto, o governo dispendeu mais de um milhão, chamando para as fileiras as reservas, e tomando inuteis e absurdas medidas de precaução.

O ministro dos negocios ecclesiasticos e auctoridade liberal superior de Bruxellas concordaram em calcar os direitos dos operarios, organisando de mutuo accordo o bloqueio de Bruxellas.

A primeira sessão do congresso operario, em que tomarão parte mais de oito centos delegados, realisar-se-ha hoje, ás dez horas da manhã.

A segunda reunião verificar-se-ha de attitude que o partido socialista deve tomar pela recusa do governo em conceder o suffragio universal.»

Noticias alarmantes espalhadas pelos jornaes causaram um verdadeiro panico na população de Bruxellas. Muitos dos habitantes abandonaram a cidade, fecharam-se os estabelecimentos, tendo armado *muitos d'estes os seus empregados*, a fim de evitar desordens provaveis.

As auctoridades, porém, não tomaram medida alguma extraordinaria. O exercito e a guarda civil estiveram de prevenção, para qualquer eventualidade. Decidiu-se que se reprimisse qualquer ajuntamento nas ruas, e toda e qualquer manifestação. Foram prohibidos os cortejos e as bandeiras vermelhas. Os delegados do congresso operario foram convidados a voltarem tranquillamente ao local das suas reuniões.

Foram tambem tomadas identicas medidas em Gand e em Anveres.

As greves são insignificantes por emquanto, sendo produzidas por 500 a de Charleroi e 300 em Liege. A ordem não tinha sido alterada em parte alguma.

Os cardeaes Jesuitas.—A companhia de Jesus, da qual faz parte o rev.^mo^ padre Mazzella, que foi elevado a cardeal no proximo passado consistorio, tem tido por outras vezes filhos seus no Sacro collegio. Clemente VIII, em 1593, creou cardeal Francisco Toledo, hespanhol, que S. Pio V havia nomeado prégador do palacio Apostolico e depois foi theologo da Penitenciaria. Toledo teve o titulo de Santa Maria in Traspontina, que hoje pertence ao cardeal arcebispo de Turim.

O mesmo pontifice confiou a purpura, em 1599, a Roberto Bellarmino, de Montepulciano, theologo e confessor do Papa. O titulo que lhe foi assignalado foi o de Santa Maria in Via. Em 1616, Paulo V inscreveu no Sacro Collegio Alexandre Orsini, romano, ao qual, retirando-se para a Companhia de Jesus, não foi concedida a renuncia do Cardinalato, como elle pedira ao padre Vitelleschi, preposito geral. Urbano VIII, em 1629, obrigou o jesuita Pedro Pazmany, hungaro, e acceitar o arcebispado de Strigonia, e foi nomeado pelo imperador Mattia, e, como preceito de obediencia, o creou cardeal do titulc de S. Jeronymo de Schiavani.

Em 1843 tivemos João de Lugo, hespanhol, cardeal do titulo de S. Estevão ao Monte Celio, sob o pontificado de Urbano VIII; em 1646, sob o de Innocencio X, João Casimiro de Polonia, filho do rei Segismondo, religioso da companhia; em 1669 Francisco Sforza Pallaviario, o historiador do Concilio de Trento, do titulo de Santa Lusanna, que obteve a purpura de Alexandre VII.

Clemente VII, em 1672, fez cardeal ao padre Gianeverardo Ninard de Falkestein, grande inquisidor, o primeiro ministro de Hespanha e arcebispo de Edessa. Usou o titulo da egreja de S. Bartholomeu em Isola. A trez jesuitas concedeu Clemente XI a mesma dignidade, em 1712: ao padre João Baptista Tolemei, reitor do Collegio Germanico, procurador geral da Companhia; em 1719 ao padre João Baptista Salerno, napolitano, que converteu de lutheranismo Frederico Auguste de Saxonia, rei da Polonia; e em 1720 a Alvaro Cienfuegos, hespanhol, ministro em Portugal do imperador Carlos VI, e successivamente bispo de Catania e arcebispo de Monreale.

Como cardeal jesuita podemos contar de certo modo Carlos Odescalchi, o qual em 1814 foi acceite como nocivo da Companhia, mas antes d'entrar em religião percorreu a carreira prelaticia e foi creado cardeal por Pio VII em 1823.

Renunciou em 1837 á purpura, e falleceu jesuita em Modena no anno de 1841, Pio XI quizera conferir a purpura ao jesuita piemontez João Perrone de Chiéri, depois da definição do dogma da Immaculada Immaculação de Maria, mas encontrou na humildade d'este religioso um insuperavel obstaculo. Mas em dezembro de 1873 creou cardeal o profundo canonista e douto archeologo Camillo Targuini, fallecido em 15 de fevereiro de 1874, e em 1876, o padre João Franzelim, professor de theologia no Collegio Romeno. A estes vem agora juntar-se o padre Mazzella.

O casamento do presidente dos Estados-Unidos.—*As Novidades*, de New-York, trazem noticias detalhadas do casamento do presidente Cleveland.

Eram 7 da tarde em ponto quando se deixaram ouvir na Casa Branca os acordes da «Marcha nupcial», de Mendelssohn, executada qela banda de musica da marinha, e se apresentou no salão azul o presidente Cleveland dando o braço á que ia ser sua esposa. No salão achavam-se presentes o rev. Byron Sunderland, que ia unir os contrahentes, e os convidados que eram vinte e quatro pessoas.

A noiva vestia um riquissimo vestido de setim côr de marfim, de comprida cauda. O veu era de tulle de sêda branco, tinha cerca de sete metros de comprido e estava preso á cabeça por uma grinalda de myrtho e de flores de larangeira. O noivo vestia casaca e calçava luvas brancas, cousa rara n'elle.

O presidente proferiu o «sim» com voz firme e segura; missa Folsom mostrava-se presa de uma emoção que debalde tentava conter. Collocado o annel nupcial no dedo da noiva e abençoada a união, o rev.º Cleveland, irmão do presidente, proferiu uma fervente prece pela felicidade dos conjnges.

Não se observou o costume americano de que os circumstantes beijem a noiva; o unico osculo foi dado por miss Cleveland a seu irmão o presidente.

A torre Eiffel.—A commissão que mr. Lockroy nomeára para estudar, sob o ponto de vista technico, o projecto da torre de ferro de mr. Eiffel, na exposição de 1889 em Paris, tinha confiado a uma subcommissão especial o cuidado de verificar os planos e os calculos.

O relatorio, agora apresentado, declara que o projecto da torre de mr. Eiffel está concebido em boas condições de estabilidade geral e que as hypotheses relativas á violencia do vento foram evidentemente exageradas.

A commissão approva, por unanimidade, as favoraveis conclusões do relatorio; d'ahi, a pedido de mr. Lockroy, examinou varios outros prejectos de torres apresentados á sua verificação por Boucher, Bourdais, Henry, Marion, Pechet, Robert. Este exame levou a declarar que a torre da exposição universal de 1889 determinado; que deveria ser uma original obra prima da industria metallica, e que só a torre Eiffel parecia corresponder plenamente a tal fim.

Por consequencia, a commissão, apreciando sempre sob o ponto de vista technico, propôz ao ministro a approvação do projecto da torre Eiffel, sob a dupla reserva de que o engenheiro constructor deverá estudar de um modo mais preciso o mechanismo dos ascensores, e que tres especialistas, mrs. Mascart, Becquerel e Berger serão nomeados para dar o seu parecer relativamente aos phenomenos electricos que possam advir.

A construcção da torre Eiffel está d'ora ávante absolutamente decidida. Essa obra collossal ha de ser o maior attractivo da exposição de 1889.

O poder maritimo da Inglaterra.—O *Lloyds* inglez acaba de publicar uma obra intitulada «Registro universal da marinha britannica e estrangeira,» e que consiste em uma recopilação minuciosa de tódos os navios existentes no mundo maiores de 100 toneladas.

A marinha ingleza é, segundo este registro, a mais importante do mundo. Todas as outras não dão ideia do immenso poder que n'este ponto tem a Gran-Bretenha.

O numero de barcos de véla que navegam na actualidade são 25:766, tendo uma lotação de 12.215:615 toneladas.

O numero de barcos a vapor, sem incluir os «yachts» de recreio, é de 9:642, que medem 10.291:241 toneladas de lotação.

Em 1855 construiram-se para a marinha ingleza 429 barcos, sendo 173 de véla e 256 a vapor.

Durante o mesmo periodo, 567 navios 354 de véla e 213 a vapor pertencentes a marinha ingleza, foram vendidos a diversos paizes estrangeiros. Apesar d'isto, augmentou-se a tonelagem durante aquelle anno em 107:770.

Dos 25:766 barcos de véla que ha no mundo, só 5:114 pertencem á Inglaterra; e dos 9:642 vapores, mais de metade, isto é, 5:020 são inglezes.

As colonias inglezas teem 692 barcos a vapor e 2:767 de véla.

Os Estados Unidos teem 388 navios a vapor e 3:542 de véla.

A França tem 508 navios a vapor e 1.194 de véla.

A Allemanha tem 559 dos primeiros e 1:794 dos segundos.

A marinha ingleza não é só infinitamente superior pelo seu numero, mas tambem pela sua qualidade.

Dos seus 5:114 navios de véla, 3:328 pertencem ao antigo typo de madeira, 119 são mixtos de madeira e ferro e 60 de aço. Dos 5:020 barcos a vapor, só 139 são de madeira, 1 mixto, 4:511 de ferro e 369 de aço.

Por estes numeros se vê qual é a importancia do poder maritimo da Inglaterra, cuja marinha de guerra é mais importante tambem que a dos outros paizes.

O jornalismo na America.—Actualmente publicam-se nos Estados-Unidos 14:160 periodicos ou mais 66 do que no anno passado. São diarios 1.216, semanaes 10:785, mensaes 1:603, quinzenaes 247 e trimestraes 124.

Na cidade de Nova-York ha 560 publicações periodicas em diversos idiomas.

Trinta e tres são diarios e quasi todas com uma edição semanal; exclusivamente semanaes ha 257, mensaes 238 e 22 trimestraes.

Das folhas diarias 22 são escriptas em inglez, 6 em allemão, 2 em italiano, 1 em hespanhol, 1 em francez e 1 em bohemio.

Em toda a republica ha 600 periodicos escriptos em allemão, 60 em scandinavo, 42 em francez, 30 em hespanhol, 10 em bohemio, 13 em hollandez, 1 em polaco, 5 em dinamarquez, 5 em dialecto de Galles, 5 em irlandez, 4 em italiano, 2 em portuguez, 1 em hungaro, 1 em latim e grego, 1 em hebreu, 2 em chinez, e 1 na lingua indiana («cherokee»). Publicam-se 700 periodicos religiosos e quasi uma terça parte são edições de Nova-York, Filadelfia, Boston e Chicago; 257 são orgãos de universidades e collegios; 101 occupam se de pedagogia, 9 de caligraphia e 9 de phonographia.

Além d'estes ha 17 para os surdos-mudos e 2 para os cegos.

Occupam-se de medecina e cirurgia 172; de cirurgia e arte dentaria 19; de hygiene 43 e de pharmacia 8.

Ha 74 publicações infantis, 40 de jurisprudencia, 11 de meninas, 4 de engenheria, 4 de electricidade, 4 de telegraphia, 3 de numismatica e 3 de fiação. Ha tambem 129 orgãos destinados a propagar a temperança e 8 orgãos de vendedores de licores! Publicam-se 7 defendendo o soffragio da mulher, 3 que se occupam da gastronomia, 7 de tabacos e 5 de invenções. As publicações mercantis, agricolas e de «sport» são tambem muitas e boas.

A maior tiragem feita por um diario coube ao jornal *World* que espalhou 231:000 exemplares do seu numero de 16 de maio ultimo.

Este exemplar tinha 32 paginas de 7 colnmnas! O papel consumido na edição pesava mais de 48 tonelladas e estendido folha a folha occuparia uma extensão de 1:260 milhas!

Estas informações são tiradas de um curiosissimo catalogo poblicado recentemente.

Cavalhada historica.—Realisou-se em Compiégne uma cavalhada historica por motivo da «festa da cidade.» Avalia-se em trinta mil o numero de pessoas que assistiram ao desfilar da cavalhada.

N'esta via-se a figura historica de Joanna d'Arc, triumphante, montada em um cavallo branco, com o seu arnez de aço tal como ella foi outr'ora «visitar os seus bons amigos de Compiégne», além de um sem numero de homens de armas, archeiros, alabardeiros, musicos com os trages da epocha, carros allegoricos e grupos encantadores de donzellas.

A cidade de Compiégne ia representada por uma das mulheres mais formosas da localidade, levando magestosamente o manto e as torres symbolicas da cidade.

Campos de rubis.—Um dos effeitos da conquista da Birmania pelos inglezes foi o abrir ao mundo os maravilhosos campos de rubis que, não longe de Mandalay, occupam um territorio de mais de 100 milhas quadradas.

Os inglezes visitaram aquelles jazigos com um sentimento parecido ao da veneração. Até agora não se tinha permittido a nenhum europeu o aproximarse d'elles. Unicamente se sabia que os indigenas os exploravam, lavrando poços de diminuta profundidade.

Todos os annos sahiam d'aquelles campos milhares de saphiras azues, de rubis vermelhos, de amethistas e de topazios. Aquelle territorio pertencia á corôa, e o rei Thibaw ostentava entre os seus titulos o de «senhor dos rubis». As pedras inferiores eram para os que exploravam a mina, as superiores para o rei. No emtanto, uma multidão de rubis de superior qualidade desapparecia entre as mãos dos funccionarios que administravam o patrimonio régio; outras pedras de grande valor foram partidas em fragmentos pelos mineiros para que ficassem em seu poder.

Apesar d'isto, quando o rei Thibaw queria deslumbar um principe ou um embaixador estrangeiro, permittia lhe que mettesse o braço até o hombro em immensas jarras cheias de rubis e de saphiras, que tinha nas salas do palacio como adorno. Quando o rei e a sua familia fugiram ante a invasão ingleza, levaram comsigo pedras de immenso valor. As outras desappareceram no saque, e talvez que em breve os mercados de Londres, Pariz e Amsterdam se vejam iuundados de rubis roubados do real palacio de Mandalay.

Agora o governo da India arrendou os campos de rubis a uma Companhia particular, o que talvez dê lugar a outra guerra, pois os birmans d'aquellas montanhas estão acostumados a explorar as minas, e não é facil que se resignem a trabalhar de outro modo.

Os inglezes applicarão meios mais scientificos que os indigenas para a exploração d'aquellas minas de pedras preciosas, e de certo que extrahirão d'ellas maior quantidade. De sorte que a saphira e o rubi estão destinados a soffrer uma depreciação similhante á que tiveram os diamantes desde que se descobriram os jazigos da Africa Austral.

A EXPULSÃO DOS REPUBLICANOS

Como explicação ou aditamento ao artigo que no penultimo n.º transcrevemos do nosso presado collega o *Correio da Noite* transcrevemos do mesmo jornal o artigo que segue:

Nem vale a pena declarar que o decreto de expulsão dos republicanos, que hontem annunciámos, era um *blague*, que tivemos o cuidado de acautellar contra a credulidade dos pobres de espirito fazendo notar que os seus *considerandos* eram, quasi todos, parodiados dos argumentos com que em França se tem defendido a expulsão dos principes. Mas a *blague* não foi simples desfastio, um d'esses desfastios que se permittem, uma vez ou outra, todos os jornalistas que não tem a imperturbavel gravidade e a implacavel semsaboria do *Economista*.

Tinha duas intenções politicas, que ambas se realisaram.

Uma era obrigar os republicanos a prestarem, sem quererem, uma homenagem ao liberalismo e á tolerancia da politica monarchica, não acreditando, nem por instantes, que essa politica se servisse para *defeza* das instituições vigentes, de providencias semelhantes ás que a republica franceza reputa legitimas.

A outra era fazer sentir aos mesmos republicanos que os seus correligionarios de França, e não os seus adversarios de Portugal, definiram, em nome das *necessidades superiores* que são um euphemismo da velha e odiosa *rasão de Estado* de Machiavel, uma doutrina, que apezar de forjada *ad hoc* unicamente para a expulsão dos principes, serve tambem para fundamentar a expulsão, em qualquer regimen, de todos os cidadãos que professem principios exclusivos d'esse regimen, e que o enfraqueçam com a promessa d'um novo governo.

O *Economista* estranhou que o nosso decreto hypothetico envolvesse a expulsão de *todos* os republicanos; pois justamente n'esse absurdo é que estava a critica da doutrina do sr. de Freycinet, ou antes dos radicaes francezes. Porque deu-se o caso curioso, em França, de que os argumentos que se adduziram para justificar a lei de expulsão foram muito mais... graves, por causa do seu caracter de generalidade, do que a propria lei, cujos rigores só alcançam um pequeno numero de individuos collocados n'uma situação excepcional. A excepcionalidade desappareceu, no discurso do sr. de Freycinet, atraz das *necessidades superiores* e do *direito de defeza* que permittem, no dizer do illustre estadista, exilar inclusivamente aquelles que, embora não façam correr nenhum perigo real ás instituições legaes contribuem para o seu descredito, fazem acreditar na sua pouca duração e causam-lhe mal-estar moral. Ora, a invocação d'essas necessidades e d'esse direito, comprehendidas com tanta largueza, levava logicamente, em França, á expulsão, não só dos principes, senão de todos os adversarios, de todas as côres, da republica; e em Portugal auctorisaria a expulsão dos republicanos, dos legitimistas, e até, com alguma liberdade de interpretação, a dos regeneradores hoje e dos progressistas amanhã.

O *Seculo*, que parodiou o nosso decreto exilando os progressistas em nome do povo, manteve-se rigorosamente, ápar-te os considerandos tirados das brigas politicas do dia, dentro dos principios estabelecidos pelo governo francez, e que elle acceitou. O seu decreto é um exemplo do que os republicanos portuguezes fariam se podessem, é, o que nós figurámos, pelo contrario, foi um protesto nosso, destinado a provocar um protesto tacito do publico. Ou o publico se indignasse ou o publico não acreditasse, estava demonstrada a superioridade da nossa *educação politica. E nem um momento* nos pezou o animo o receio de que, como diz o *Economista*, se attribuissem ao governo progressista doutrinas... que os republicanos francezes professam; se alguem se illudisse teria provado que era tolo, e os tolos que depois soubessem que o governo não tinha feito o que não era tão monstruoso que elles o não julgassem factivel, mais deveriam ficar satisfeitos com a moderação e brandura, não diremos já dos ministros, mas dos costumes politicos do paiz.

Mas a verdade é que os creditos liberaes do chefe do Estado, dos seus conselheiros, e permittimos-nos dizer que tambem os do *Correio*, estão acima dos imaginarios perigos da nossa *leviandade*, e tanto estão que nem sequer houve quem se atrevesse a dizer que o decreto era um *ballon d'essai*, como imaginámos que succederia, tendo já preparada uma boa caçoada para esses phantasistas. Póde estar socegado o zelo do *Economista* pela reputação do governo; ninguem lhe attribuiu coisa nenhuma feia. Os republicanos chamam-lhe *corja*, *malta*, e accusam-n'o de todos os despotismos e de todas as violencias; mas, por um acto de consciencia que vale mais do que as suas injurias, nem ousaram fingir—com mêdo de que o publico os achasse ridiculos,—que acreditavam que elle era capaz de esposar as doutrinas e insultar os actos dos seus correligionarios francezes. E esta homenagem tem preço quando, em quasi toda a Europa, se estão confrontando systemas politicos, e ainda ha declamadores para quem *monarchia* é synonimo de *despotismo*, e *republica* uma traducção de *liberdade!*

Outra observação ainda. O *Correio da Noite* tem sido muito sobrio em apreciações do decreto da expulsão dos pretendentes. Já dissemos porque. Não podemos julgar, cá de longe, se o decreto é realmente uma *necessidade superior*, derivada d'um perigo real da republica ou d'uma pressão exercida sobre o ministerio Freycinet pela opinião ou por um partido. Por isso não o censurâmos nem defendemos, considerando-o como uma lei de excepção, como uma arma de combate, como um expediente eventual, d'esses de que todos os regimens politicos esperam, com bom ou mau exito, a salvação ou a segurança. Mas a *doutrina* com que foi defendido, rapugna-nos invencivelmente; e porque não temos e não tivemos nunca esse *furor monarchico* que o *Economista* nos attribue, lamentamos que d'um paiz d'onde irradiou para o mundo inteiro a propaganda liberal e democratica, se derramem agora principios e exemplos, com que os partidos conservadores da monarchia se possam julgar auctorisados a praticar violencias e vexames, em nome das instituições que representam.

Sciencias

MOLESTIAS DAS OLIVEIRAS

Não só a molestia que ataca as *Oliveiras*, denominada *ferrugem*, concorre para o seu definhamento: tambem ha outras, a nosso ver mais perniciosas. que contribuem poderosamente para o mesmo fim ou sua morte—molestias estas a que se devia prestar mais séria attenção, para d'alguma fórma ver se se descobria o verdadeiro, o efficaz antidoto para as debellar.

Todas ou quasi todas as arvores são mais ou menos invadidas por diversas molestias, e a sua morte assignala prejuizos de summa importancia; mas, chegando a *Oliveira* a morrer completamente, grandes prejuizos experimentarão os proprietarios, porque verão esgotada uma boa fonte de receita, que constituia parte da sua riqueza.

Esta arvore fructifera dá grandes lucros, porquanto concorre com o seu precioso oleo para a alimentação do homem, e, faltando este oleo, não ha outro que facilmente o possa substituir. Mas, desgraçadamente—é vergonhoso dizel-o—, são bem diminutos os cuidados que se lhe prestam!

Á *Oliveira* é, portanto digna de melhor sorte, e todos os que a possuem lhe devem prestar os cuidados que um bom pae presta a um seu filho dilecto e amantissimo.

Diziamos nós que não só a *ferrugem* ataca as *Oliveiras*, havendo outras molestias que tendem tambem a fazel-as morrer. Assim sucede, infelizmente.

Ha tempos mandamos arrancar uma *Oliveira*, porque estava sem viço algum, e a parte lenhosa tinha desapparecido. Observamos que, no ponto em que estava coberta com a terra, havia uma grande porção de insectos no estado de larvas, os que tinham feito os seus esconderijos entre as raizes; e junto ao collo, na superficie da terra, estacionava um insecto da ordem dos coleopteros, que não podémos classificar. D'aqui deprehendemos que todas as *Oliveiras* que estão com pouca vida quasi sempre teem nas raizes uma porção de insectos, que, passando pelas suas diversas metamorphoses, rompem o solo e se transportam para differentes sitios. E' de crer que estes insectos se alimentem do succo da propria arvore onde vivem, obsorvendo uma boa parte da sua substancia, indispensavel para a vida.

Estando o mais das vezes esgotado de substancias o terreno onde a *Oliveira* estaciona, as quaes concorrem para a sua prosperidade e bom desenvolvimento, a presença d'estes insectos, dispersos pelas raizes em abundancia, deve concorrer para a sua rapida e inevitavel morte. Será esta uma das molestias que atacam as *Oliveiras?*

Bom seria que os entendidos, que se dedicam a este estudo, não o descurassem, procurando atalhar á progressiva molestia que vae minando a existencia d'uma das nossas melhores e mais productivas arvores.

Mas não é só esta molestia, de que vimos fallando, que arruina estas arvores: ha ainda outras que se podiam debellar, mas que obsta a isso a negligencia que domina os proprietarios. Referimo-nos *á crosta cryptogamica que*, em partes, reveste o tronco das *Oliveiras*, e que raras vezes apparece tirada.

Em todos os annos se devia extrahir esta crosta, de fórma que a epiderme ficasse a descoberto. Evitava-se com isso que colonias innumeraveis de insectos microscopicos se accumulassem n'ella, e os estomatos exerceriam muito melhor as suas funcções.

Esta arvore, oriunda da Grecia, é miseravelmente tractada. Não se estruma, falta-se com a indispensavel poda, não se vareja com a devida cautela, não se fazem plantações rasoaveis... Um completo abandono!

Veem-se olivaes decrepitos, outros em bom estado e bem conservados; mas o que se não vê são olivaes novos, plantados por pessoa que devéras se dedique a esta cultura, e que mais tarde dariam um bom lucro, que compensaria os gastos e trabalhos de quem os mandasse plantar. Ainda ha pessoas que se dedicam a esta cultura, mas o seu numero não é elevado.

Não è raro vêr *Oliveiras* revestidas de musgo, tendo a parte dos ramos secca, e sendo a sua producção diminutissima.

Tudo isto provém de lhes escassear o competente e indispensavel adubo, não lhes darem as convenientes podas, e varejal-as desapiedadamente com tempo humido e chuvoso.

Quasi todos os lavradores encarregados de fabricarem as terras teem uma negação absoluta para as adubarem, desde o momento que ellas estejam assombradas com arvores.

Como é sabido, as *Oliveiras* achamse dispersas pelo meio do campos, tornando mais difficultoso a lavoura, mas apesar d'isso mais faceis de se estrumarem. Convencel-os a que deem o competente adubo aos olivaes, a fim de que melhor produza a *Oliveira*, só uma força sobrenatural o poderia fazer. Não ha meios que a isso os persuada.

No tocante á poda, não conhecemos nenhum lavrador que lh'a saiba dar! Fallando-se-lhes n'este especial e necessario trabalho, respondem que não se póde tirar a lenha que dá o azeite; e embora lhe tirem alguma, fazem este trabalho tão mal feito, que causa tédio vêl-o.

Que desenvolvimento se notaria na *Oliveira*, se se lhe désse a poda annual bem dirigida, ou pelo menos de dous em dous annos? Ellas renovariam, a lenha secca desappareceria, seriam mais duraveis, exerceriam mais livremente as funcções de absorpção e exhalação, etc.

O serviço da vareja é que se faz horrivelmente. Com tempo chuvoso e humido, castigam-as com uma vara forte, a ponto de lhes deitarem abaixo quasi todos os olhos!

Se a azeitona fosse sómente ripada á mão e com tempo bom, não se veria tantas *Oliveiras* a definhar e avelhadas, sendo a sua producção de dous em dous annos pequenissima.

Se esta arvore fosse cuidadosamente tractada como no Douro, Lamego, Coimbra e outros sitios, a producção seria mais regular, e não estaria sujeita a tantas vicissitudes.

E isto que se observa no reino vegetal, tambem se dá no reino animal. Se o corpo humano não fôr tractado com a devida cautela, tendo uma rasoavel alimentação e dando se-lhe a competente limpeza, expõe-se a doenças que em breve tempo o prostram na sepulturas. Quantas pessoas morrem por falta de tractamento? Assim succede no reino vegetal.

E', todavia de necessidade que os proprietarios se vão compenetrando d'estas verdades, fazendo cumprir com os seus deveres os caseiros que lhes cultivam as terras; do contrario verão desapparecer pouco e pouco uma boa arvore, que poderosamente concorre para a sua sustentação e conservação da vida.

Volenti nihil difficile.

Marco de Canavezes.

ANTONIO M. BORGES D'ARAUJO.

Arabescos e Miniaturas

O ORADOR

(EXCERPTOS DE UM LIVRO DE E. CASTELLAR)

A arte por excellencia é a arte da palavra.

Prescindindo das suas qualidades intrinsecas, do pensamento e da logica, a palavra oral tem rithmo como o verso, harmonia como a musica, debuxo como a pintura, relevo como a estatuaria; como a arte ornamental tem a sua architectura, como a guerra a tactica, como a esgrima supremas leis de habilidade e destreza, como a moral regras superiores da justiça.

A palavra é a mais variada manifestação do espirito humano, tem muitos graus e muitos matizes. O tribuno do povo é como o athleta grego, vae despido ao combate e não póde occultar nem mesmo os éstos do seu coração que são apagados e escondidos pelos adornos, pelos velludos, e pelos bordados que vestem os cortezãos.

Por isso a primeira qualidade da oratoria tribunicia deve ser a franqueza, e a primeira virtude do caracter do tribuno, a lealdade.

O orador não póde ser julgado por uma só das suas qualidades, ainda que seja das essenciaes, como a fantasia prompta e a palavra facil, não: deve ser julgado no seu conjuncto pela sua figura, o seu tom, a sua voz, a sua acção, porque tudo é necessario ao realce da palavra.

E' ainda a palavra o mais bello, o mais proprio e o mais natural entre os instrumentos que servem ao espirito; o mais rapido, o mais harmonioso e esplendido dos meios da arte.

O seu som é a voz do universo.

Tirae o murmurio ao arroyo, o bramido á onda, o rumor ao bosque, o silvo ao vento, o trovão á tempestade e aos canticos da manhã a voz de todos os seres, o tereis arrancado o pensamento á natureza.

Todos esses rumores que formam o concerto de todas as cousas, são esforços para produzir uma ideia. Mas assim como o *espirito da vida, infundido* por Deus na creação, não chega a reconhecer-se e a ter consciencia de si mesmo senão no homem, a ideia não chega a ter a expressão, a ter revelação e a revestir fórma senão na palavra.

Esta maneira de expressar a ideia resume a vida do universo.

A palavra tem vida como a naturesa, tem luz como o ceu, tem profundidade como o mar, e parece compendiar em seus giros fugazes o universo.

A palavra constroe como a architectura, esculpe como o buril, pinta como o pincel e decanta como a muzica.

Mas quando a palavra desce da tribuna até ás assembleias, quando se inflamma nos grandes pensamentos e corre a alimentar as mais ardentes paixões; quando troveja sobre a multidão e a agita como o vento agita o mar; quando passa das melodias d'uma musica doce e terna aos arrebatamentos d'uma paixão tempestuosa: então chega a confundir-se mais intimamente com o espirito do que o calor se confunde com a luz.

Eu não conheço satisfação comparavel á de um orador que tem sob a sua palavra uma multidão, que se enternece se elle se enternece, que chora, se elle chora, que se indigna se elle se indigna, e fórma com a alma d'aquelle homem uma alma universal, a alma da assembleia, especie de cataracta de paixões que cae, rugindo, aos abysmos, e se levanta em vapores até ao ceu, decompondo em esplendidos iris os matizes do ether que fluctua no espaço.

O orador é o homem multiplice. Necessita de pensar como o philosopho, argumentar como o dialectico, phantasiar como o poeta, representar como o actor, cantar como o musico, ter uma vida integra como o moralista, e uma fé inquebrantavel como um apostolo.

Só com estes grandes predicados, com estas extraordinarias faculdades se póde chegar ao alto da tribuna politica, ou academica, ou religiosa, ou á cathedra, ao fôro, ao pulpito, e d'ahi lançar sobre a multidão os reptos da eloquencia, essa chuva d'ideias, ás vezes placida como o rocio, outras vezes violenta como o furacão!

O orador não necessita só d'essas faculdades intimas, internas, de pensamento e de fantazia; precisa egualmente das faculdades externas de locução, de accento, de presença, de acção, que costumam ser quasi essenciaes ao discurso.

Imaginae o mais notavel pensador, Kant, por exemplo, dotado de uma das mais altas potencias intellectuaes que os seculos téem visto; mas destituido completamente do poder da palavra. Se quer popularisar as suas doutrinas, distendel-as entre a juventude, propagal-as, necessita dos oradores, d'esses missionarios do mundo intellectual que levam em seus labios o verbo das ideias.

Assim succede que junto á iniciação de toda a ideia, ou proximo do occaso de toda a liberdade, para preparar um mundo que se adianta a occupar um logar no espaço da intelligencia, ou para resistir á quéda de uma liberdade que se eclipsa, apparece sempre um grande orador. Ao pé do tumulo da republica grega—Demosthenes; junto do tumulo da republica romana—Cicero; como ao lado do berço do christianismo—S. João, e proximo do berço da revolução franceza—Mirabeau!

São tantas e tão diversas as qualidades necessarias para ser orador, que a historia, fecunda em grandes philosophos e notaveis poetas, é muito esteril em grandes oradores, como se a natureza receiasse conceder a muitos este dom reservado aos seus filhos predilectos.

O orador partilha com o guerreiro os dons da popularidade; ou seja pelo brilho de tão grande ministerio do espirito ou por a communicação mais intima e continuada com o povo, ou pela recordação que sempre fica das emoções que produz uma palavra eloquente—emoções a que não chega outra arte—o certo é que os oradores gozam sempre de uma especie de reputação universal, levam o seu nome desde os salões até as cabanas, agitam e arrastam comsigo as inquietas multidões!

Vêde-os no meio das grandes assembléas, cercados pelos assistentes, embebidos no licôr divino da inspiração, agitando as mãos nervosas, movidos pela electricidade do sentimento, relampagos que illuminam: e de seus labios, vibrantes como uma harpa, toda uma myriade de lucidas ideias; acompanhados pelos clamores da multidão que se commove, applaude e grita em volta da tribuna como as ondas do mar que envolvem os escolhos da praia; e dizei depois se conheceis espectaculo mais bello na sociedade do que este espectaculo, soberania intellectual mais poderosa do que esta soberania da eloquencia!

(*Trad.*)

F. J. PATRICIO,

CARTA DO BARÃO DE CAR-AMEL
A' VISCONDESSA DE LOS-LIA

Ex.ma Viscondessa.—Desejava dar a v. ex.a os parabens, muitos parabens, por ter sido elevada á dignidade de Marqueza; mas não posso, porque *a promoção* ainda se não affectuou. Tambem eu julguei estar, a estas horas, feito conde; mas
qual historia! E já vou convencendo-
de que não apanho, apesar de bem ap
drinhanhado e dos milhores promettimen-
tos. Emfim, tambem, nunca o diabo mai
leve. E' dinheiro que me fica na algibe
ra, e... barão ou conde, vem a ser u
e a mesma coisa; tanto caso se faz d'
barão, como de um conde, quando
tantos barões e tantos condes sem
tem, e mesmo sem credito; barões e
des de... de pouco mais ou menos.
xemos os pergaminhos, e tratemos d
sumptos, que mais devem interessa

Passaram as festas, e d'ellas, a
de estrondozas, nem mesmo já se
Passou o sussurro e vozerias dos
ros e festejadores, e d'ellas nem já
cos soam. Passaram as trovoadas
veiros, desapparecem os sustos e a

Acabou a campanha do *peixe*
d'ella resta, apenas, a syndicanci
julgamento dos *guerrilhas*.

Vae quasi passada a gritaria c
o decreto das gratificações, ou me
comedellas. Tagarella-se um pouco
cauza do fingido decreto da expulsão
republicanos (foi brincadeira; mas, d
se a verdade, de pouco ou nenhum
to) a que estes respondem com um ou
expulsando os progressistas, *quia a*
amore luitur. Uns e outros é de part
parte melhor fôra, que estivessem ass
do castanhas ao murrão de uma vela
sebo, do que tal fazer.

A opposição braveja contra as dict
duras, com que não póde conformar-
agora; embora tendo-as antes applaudi
fervorosamente, por exemplo a de 18
a 1882 (Sampaio) e a de 1883 a 18
(*reforma* do exercito). São coisas!

Parece que vão desaparecer os *bisc*
tos, que nos hombros pozeram aos off
ciaes do exercito. Diz-se que vão ser sub
stituidos por cousa melhor. Será por pa
teis, ou queijinhos do ceu? Tambem
diz que desapparecer vão as polainas d
infanteria. Será uma *pena*, porque n
verdade as taes polainas pretas assenta
vam *optimamnte* n'umas calças de linh
crú. Foi uma luminosa ideia aquella que
deixou o juizo a arder a quem a apresentou; e a *cabaça* em chamas a quem a
approvou.

Tudo à là princesse, ex.ma viscondessa! Broches, brincos, botões, alfinetes
pulseiras, chapéos e vestidos, leques
ventarollas; e não tardará que algum ta
manqueiro se lembre de fazer tamanco
à lá princesse.

Dizem-me que o novo commandante de lanceiros n.º 2, vae de dia para dia ganhando mais e mais sympathias, no que não ha que admirar, porque é delicado e modesto, reunindo a taes dotes, outros, que muito o recommendam e tornam digno de estima e consideração, tanto por parte dos seus subordinados, como ainda dos que lhe estão superiores. Não atirará da Calçada d'Ajuda com uma lança, mettendo-a no coração, nos bofes, figado e passando a Africa, não derribará, mesmo com um assopro as piramides do Egypto; não quero até que atravesse os Alpes com a mesma facilidade, com que atravessa a parada particular do quartel, mas, com certeza, não envergonha ninguem com babozeiras, com modos desabridos, nem acções repugnantes; com gritarias e destemperos e mimica de gaiato o que não será talvez raro dar-se n'outros, julgando que commandar um corpo é quasi a mesma coisa, que guardar... nas lizirias alemtejanas.

Parece que apesar das providencias tomadas, e do farejar da policia, ainda não ha novas, nem mandados, do relogio, que por occasião das festas *gazofilaram* ao velhote, o sr. João Bernandino. Será bom responsal-o á Santo Antonio.

Custa a acreditar, mas foi uma realidade: n'um baile de fresca data um official, *polcando*, rasgou com as esporas (e que esporas!) o vestido á dama, com quem dançava. Esta (ainda que já tarde) convidou-o a tirar as esporas, ao que elle acedeu do melhor grado; e, tirando as, foi pol-as *sobre o piano, em que uma outra dama estava tocando.*

N'um jantar de 20 talheres dado, ha pouco, ahi para as proximidades *de um* arsenal, estava entre muitas outras damas bellas, uma que usando cheiro, a todas levava a palma em espirito e fallando mais que todas as outras; mas a materia ia esgotando-se junctamente com *Cartaxo*, e ella, estando callada por um momento, principiou de novo dizendo para o creado da meza: o seu Zé, feche alli aquella janella, entra por ella muito vento, e eu quando estou jantando não gosto *dos ventos de traz*, porque na verdade não são de bom palladar—«A janella, que s. ex.a mandou fechar estava-lhe na rectaguarda.

Dizem as gazetas, nobilissima viscondessa, que, por occasião das festas do cazamento do Principe Real, vieram a Lisboa 29:410 passageiros nos comboios, isto comprovado com a venda de bilhetes, sendo de 1.ª classe 2:955, de 2.ª 6:720, e os restantes de 3.ª, cujo producto foi de 68 contos de reis. Ora computando que cada um dos passageiros gastasse, em Lisboa, 10:000 reis (se muitos não gastaram mais de 2 ou 3 mil reis, muitos outros gastariam 20 e 30) teremos que deixaram em Lisboa nada menos de 294:100$000 reis, e para que? Para verem uma parada de meia duzia de mil homens (e tambem crianças), verem uma illuminação a gaz e a ballões venezianos; o fumo dos fuguetes da Avenida, e o fogo no Tejo; uma tourada e uma corrida de cavallos. Mas divertiram-se e gozaram, isso é verdade. E ainda haverá quem diga, que nas provincias não ha dinheiro?! Se o lá não houvesse, não teriam cá vindo largal-o tão facilmente.

Os logistas (de arrebiques, principalmente) venderam quantos monos tinham, dando-lhes, para isso, o nome da moda (á lá princesse). Hoje tudo é á princeza!

Ah!.. Agora me lembra, ex.ma viscondessa, que de hoje a 4 dias se acaba o mundo (no dizer de Nostradamus) e
adeus governo progressista, que tem os
seus dias contados, pois q
o mundo, ou estica c
sr. Fontes.
Qu

são das poesias, que o sr. Theophilo Braga póde escrever na sua «Theoria da Historia da Litteratura Portugueza»: «A recensão critica do texto das suas obras (de Sá de Miranda) era de uma instante necessidade; e esse trabalho foi magistralmente desempenhado por D. Carolina Michaelis, apresentado como uma das mais significativas homenagens nas festas de Camões.»

Se o illustre professor já com razão teve por digno de taes palavras o serviço assim prestado ás nossas lettras por quem tanto e com tão grande distincção as tem cultivado, muito mais longe foi o emprehendimento, a cuja realisação corresponde o livro recentemente publicado na Allemanha. Os manuscriptos utilisados pela sr.a D. Carolina Michaëlis são os seguintes:

1.º Pertence desde 1838 a mr. Ferdinand Denis, tão conhecido entre nós por duas obras ácerca de Portugal; comprou-o por 5 francos a um *bouquiniste* da rue de l'Arcade Colbert; nada se sabe do modo por que foi parar alli, nem a quem primeiro pertencera, nem que mãos o escreveram; é, porém, considerado o mais importante de todos os manuscriptos.

2.º Da Bibliotheca Nacional de Pariz; conhecia-se de muito a existencia d'elle; fôra examinado pelo visconde de Santarem: o exame não correspondeu ao que devia esperar-se de tão eminente investigador; entendeu que nem merecia exame sério, nem podia interessar a nossa litteratura; Varnhagen, depois de ter fallado d'este manuscripto muito erradamente, mudou de opinião desde que o estudou pessoalmente. «Até hoje,—diz a sr.a D. Carolina Michaëlis—ainda nenhum homem de lettras portuguez o examinou sériamente e com toda a attenção; a prova está nas noticias incompletas, erroneas e contradictorias que téem sido dadas a este respeito. Aproveitamos, pois, esta occasião (continua s. ex.a) para dar a primeira descripção exacta e completa do codice, rectificando as noticias menos verdadeiras que se téem espalhado por uma série de livros modernos.»

3.º Volume pertencente ao sr. visconde de Jorumenha, «o benemerito editor de Camões»; comprou-o por pouco dinheiro n'uma livraria de Lisboa.

4.º Manuscripto da Bibliotheca Eborense.

5.º Cancioneiro de poesias quinhentistas existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

As «Notas» occupam 150 paginas em que se revelam vastos e profundos conhecimentos philologicos, na accepção generica d'este termo; não de conhecimentos que vaidosamente se ostentam em apparato inutil, mas sim se empregaram perspicazmente para familiarisar o leitor com tudo quanto podesse lançar boa luz sobre a vida e as obras do poeta. Póde bem dizer-se d'esta parte do trabalho da illustre escriptora que parece «obra de algum benedictino douto, traçada e levada ao cabo depois de longos annos de trabalhos e vigilias», como já escreveu o sr. visconde de Juromenha referindo-se á obra toda; de um benedictino, porém, que á sabedoria reunisse bom espirito critico.

O estudo sobre a «Vida de Sá de Miranda», que precede as poesias, é um
trabalho synthetico de superior
mostr correcta

caompanhará a procissão de Corpus-Chisti no dia 24 do corrente.

Decreto concedendo amnistia geral para os crimes politicos, de imprensa, contrabando e deserção, commettidos até á data do consorcio do principe real D. Carlos, duque de Bragança.

Decreto determinando as relações da direcção geral de contabilidade publica com as direcções administrativas dos differentes ministerios.

Annuncio de estar aberto concurso pelo praso de 30 dias para o provimento de logares de primeiros aspirantes telegraficos. Acompanha o annuncio o programma respectivo.

Diario de 21

Portaria determinando que sejam excluidos das folhas de ordenados os empregados que fazem parte da commissão encarregada de estudar a emigração nacional, se não comparecerem no exercicio de seus empregos.

Portaria declarando á referida commissão que as salas das reuniões das commissões parlamentares, no intervallo das sessões das camaras, são as mesmas que servem para as reuniões da commissão de emigração durante o periodo legislativo; mas que, se a dita commissão alli não puder funccionar por motivo extraordinario, o governo lhe destinará uma sala no ministerio do reino ou no governo civil.

Varios despachos ecclesiasticos e judiciaes, já conhecidos.

Annuncio de estar aberto concurso, pelo praso de 30 dias, para o provimento das parochias de Covões, no concelho de Cantanhede; Paço, no dos Arcos; de Val de Vez Penhas Juntas, no de Vinhaes; Portella, no de Penafiel; S. João da Serra e Oliveira de Frades, no de Vouzella.

Decreto dissolvendo varias commissões.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Diario de 22

Concessão de differentes mercês honorificas.

Varios despachos já conhecidos.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Portaria determinando que para seguimento das obras do ramal do caminho de ferro do Pinheiro, se considere desde já abandonado o anterior projecto da estação no recinto annexo á alfandega do Porto, procedendo-se sem demora aos estudos definitivos para o prolongamento do mesmo ramal até ao porto de Leixões, e que se proceda á escolha definitiva de local e elaboração dos estudos respectivos, para a construcção da nova estação.

Portaria determinando que se suspendam immediatamente os trabalhos da fundação do caes da Estiva e quaesquer outros no mesmo caes, que não tenham por fim ulterior o aproveitamento de materiaes de construcção ja disponiveis; e que se organise o projectos da linha de caes, desde o caes da Estiva até á alfandega.

Carta de Lisboa

Lisboa, 22 de junho de 1886.

Tem tido enthusiastico acolhimento as medidas adoptadas pelo governo a fim de evitar com os abusos das commissões

ntares e outros de egu

esta concessão é feita sem subsidio do Estado, nem compensação de qualquer outra natureza.

— A' Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes foi concedida a construcção do caminho de ferro de circumvalação de Lisboa entre Santa Apolonia e esta capital.

— Obtiveram as seguintes classificações os candidatos aos logares de segundos verificadores das alfandegas de Lisboa e Porto: Adalberto Henrique Ferrari, Carlos Maria de Vasconcellos Sobral e Joaquim Martins Gonçalves, 7 bons; Christovão da Costa Cesar de Castro, 6 bons Manuel Pinheiro, José Teixeira Basto: Adriano Alberto de Moraes Carvalho. João Francisco dos Guimarães Captivo,' Francisco Marcolino de Sampaio Casqueiro e Silva e Antonio Augusto Guedes Sequeira Thedim, 5 bons; José Maria Coelho de Vasconcellos Porto, Affonso de Albuquerque do Amaral Cardoso e Joaquim Pedro da Costa, 4 bons; Francisco dos Santos Pinto e Alfredo Augusto da Silva Santos, 3 bons.

— O sr. engenheiro Francisco da Silva Ribeiro foi encarregado de dirigir superiormente os estudos de uma linha que, partindo de Estremoz e passando pelas proximidades de Fronteira a Portugal, entronque com a projectada linha da Beira Baixa, em Villa Velha de Rodam, sendo por isso exonerado do cargo de director das obras publicas do districto da Guarda.

— Tambem foi encarregado o sr. engenheiro Frederico Augusto Pimentel, director das obras publicas do districto de Santarem, de proceder sem demora aos estudos de um caminho de ferro, de via larga, que, partindo de Vendas Novas, na linha do sul, e passando pelas proximidades de Coruche, entronque em Santarem, na linha de léste.

— Consta que entre as modificações que se pensa introduzir no plano dos uniformes do exercito, modificações que sem alterar as bases do referido plano o tornam comtudo, mais pratico, se propõe uma capa para cobrir os capacetes nos serviços de pequeno uniforme, como nas guardas da guarnição, exercicios, marchas, etc.

— Nas propriedades reaes está-se procedendo por ordem do sr. conselheiro Nazareth ao aproveitamento das sementes, dos pinheiros de Alepo, as quaes serão distribuidas gratuitamente pelas pessoas que desejarem ensaiar a cultura d'estas arvores como essenciaes florestas nos terrenos calcareos. O sr. conselheiro Nazareth, annunindo assim a um pedido que lhe foi feito pelo sr. Carlos de Souza Pimentel, chefe de divisão florestal, presta sem duvida um bom serviço á agricultura, porque contribuirá muito para o desenvolvimento da arborisação em muitos terrenos, que, por conterem excesso de cal, não pódem ser vestidos com as especies resinosas naturaes do paiz.

— Dizem que o sr. infante D. Affonso, capitão honorario de artilheria 1, irá este anno visitar as escolas praticas de artilheria em Vendas Novas e de engenheria em Tancos, assistindo aos respectivos exercicios. Acompanhal-o-ha o sr. major de engenheria Duval Telles.

Y.

Telegraphia

9.—O sr. Béranger deve ler

do o seu relatorio contra

dos principes.

do proje-

feira.

o perigo não provém dos principes e sim da communa.

O sr. Clamareran, tratando da questão juridicamente, sustenta que o direito commum não é applicavel aos principes.

O sr. Léon Renault, pelo contrario, procura demonstrar que o direito commum é tão applicavel aos principes como aos outros cidadãos.

A discussão continúa ámanhã.

Paris, 22.—Diz o *Figaro* que D. Carlos de Borbon, depois de passar em Lucerna (Suissa) foi a Gratz, na Austria. Accrescenta o mesmo jornal que o pretendente ao throno de Hespanha mantem a sua politica, que se resume em esperar os acontecimentos. D. Carlos de Borbon voltará proximamente a Veneza.

Munich, 21.—Depois da leitura de um relatorio, demonstrando o estado de demencia em que se acha o rei Othon, a camara dos deputados approvou por unanimidade a regencia do principe Luitpoldo.

Roma, 21.—O Papa entregou esta manhã ao novo bispo de Madrid, na presença do embaixador hespanhol, junto do Vaticano. a rosa de ouro destinada á rainha-regente D. Christina.

Londres, 21.—A camara dos lords approvou em segunda leitura o *bill* modificando os direitos de entrada dos vinhos na Inglaterra.

Paris, 22.—O Senado, em escrutinio secreto, approvou agora por 141 votos contra 107 o projecto da expulsão dos principes, já votado na camara dos deputados. (Applausos).

ESPECTACULOS

PRAÇA DE TOUROS

5

NO

CAMPO DE S. JOÃO

EM

AVEIRO

Terão logar nos dias 24 e 27 do corrente duas brilhantes corridas de 6 bravissimos touros, escolhidos a capricho das manadas do abastado lavrador o sr.

JOSÉ JOAQUIM D'OLIVEIRA

N. B.—A corrida do dia 24 termina a horas de poderem ver sahir a procissão.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

LIVRARIA DE MELLO GUIMARÃES

AVEIRO

ALVES MENDES

PATRIA!—Discurso na inauguração do monumento aos Restauradores de Portugal 300

FABULAS DE LA FONTAINE

illustradas com cêrca de 600 composições

DE

GUSTAVO DORÉ

e traduzidas por uma legião de poetas portuguezes e brazileiros

Publica-se aos fasciculos de 16 paginas e competentes gravuras reguardados uma capa.

A obra constará de 2 volumes e é dividida em 50 fasciculos approximadamente.

A distribuição dos fasciculos será feita nos dias 10 e 25 de cada mez.

Preço de cada fasciculo em Lisboa 200 réis, pagos no acto da entrega. Nas provincias, pagamento adeantado ás series de dois, tres ou mais fasciculos.

ANNUNCIOS

ARREMATAÇÃO

157 NA comarca d'Aveiro e cartorio do escrivão substituto Nogueira Junior e em virtude de deliberação do conselho de familia no inventario orphanologico a que se procede por fallecimento de José Joaquim dos Santos e mulher, de Mataduços, em que é cabeça de casal Joaquina Marques, solteira, do mesmo logar, vae á praça para ser arrematada no dia 11 do proximo mez de julho, por onze horas da manhã, á porta do Tribunal Judicial d'esta cidade, o predio seguinte:

Uma quinta denominada Valbom, que parte do nascente com José Maria Novo, do poente com o esteiro de Esgueira, do norte com a viella da Moleira, e do sul com Manuel José Mendes Leite, no valor de 800$000 reis.

Por este são citados quaesquer credores incertos, a fim de deduzirem seus direitos, querendo.

O escrivão substituto

Fernando Ribeiro Nogueira Junior.

Verifiquei—*Costa e Almeida.*

É CONVENIENTE LER

155 OFFERECE-SE pessoa de reconhecidas habilitações em diversos ramos, dando solidas referencias para exercer o cargo de administrador de qualquer casa, estabelecimentos fabris, ou feitor de qualquer boa propriedade, para cujo fim dispõe de vigor, sendo de vantagem a quem acceitar esta proposta.

Para esclarecimentos a esta redacção.

EUCALIPTOS

149 COMPRAM-SE alguns paus de eucaliptus seccos, que tenham mais de 45 palmos de comprido e que sejam direitos e sem nós. Quem os tiver n'estas condições póde dirigir-se á Administração d'este jornal, que alli se lhe dirá quem os compra.

VACCA TOURINA

150 QUEM tiver uma vacca tourina nova, de boa raça, mas já a criar e muito leiteira, querendo-a vender, queira dizer onde póde ser vista e contractada, se servir.

21

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos

LARGO DA CADEIA

GARGANTA

VOZ e BOCCA

PASTILHAS DE DETHAN

Recommendadas contra as Doenças da Garganta, Extincções de Voz, Inflammações da Bocca, Effeitos perniciosos do Mercurio, Irritação causada pelo fumo, e particularmente aos Srs. PREGADORES, PROFESSORES e CANTORES, para lhes facilitar a emissão da voz.

PREÇO: 600 REIS.

Exigir em o rotulo a firma Adh. DETHAN, em PARIS

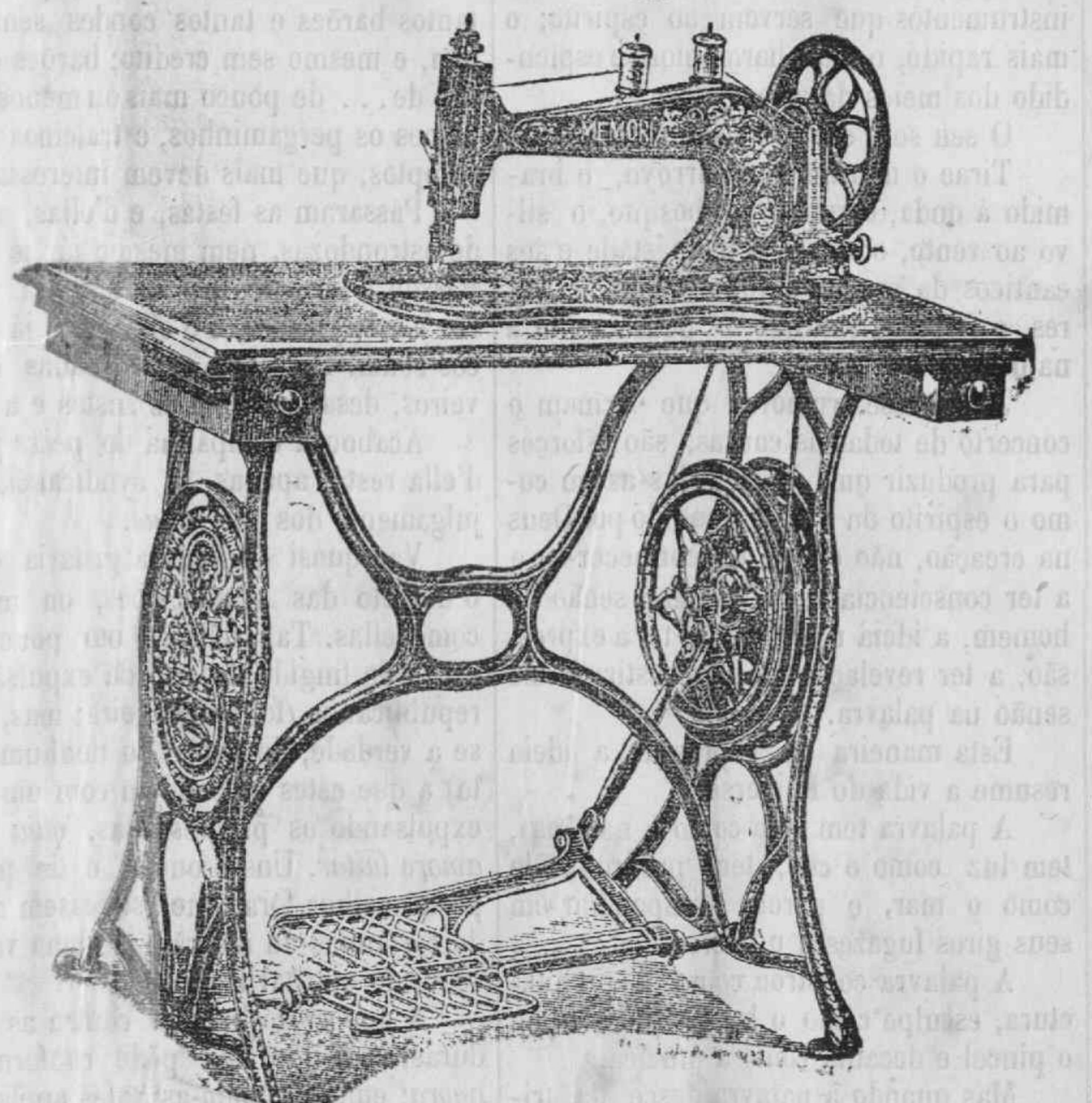
NOVO DEPOSITO

DE

MACHINAS DE COSTURA

CARLOS DA SILVA MELLO GUIMARÃES

Rua Direita—Aveiro



Participa aos seus amigos, e ao respeitavel publico de Aveiro e arredores, que acaba de reunir aos seus estabelecimentos um importante deposito de machinas de costura as quaes garante como muito superiores a quantas se conhecem. A **MEMORIA** (especialidade que mais se recommenda) é a unica machina que tanto pela sua belleza, como pela construcção, solidez e variedade de trabalhos que executa supplanta toda e qualquer machina que até ao presente se tem vendido em Aveiro.

A **MEMORIA**, sem rival no mundo, é a unica que tem obtido os mais honrosos premios nas exposições aonde tem concorrido; d'entre estas citarei a Exposição de Lisboa em maio de 1884 aonde foi a unica machina de costura que obteve premio.

Seria fastidioso enumerar as vantagens d'esta excellente machina, e por isso me limito a prevenir todas as pessoas que desejem comprar um d'estes indispensaveis auxiliares do trabalho, que depois de examinarem com attenção as que por ahi se vendem, venham ver estas pelas quaes optarão sem duvida.

A **MEMORIA** vende-se a prestações de 500 reis semanaes ou á prasos, fazendo-se grande desconto ao compradores de prompto pagamento.

PREVENÇÃO

5

Ao recommendar a machina **MEMORIA** direi comtudo que tenho sempre no meu deposito, machinas de outros systemas e de outros fabricantes, as quaes pela sua qualidade muito superior ás que por ahi se vendem, são comtudo vendidas por tão diminutos preços que difficilmente outras casas do mesmo genero pederão competir.

Peças soltas, agulhas, algodões, oleo, torçaes, etc. 52

7

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

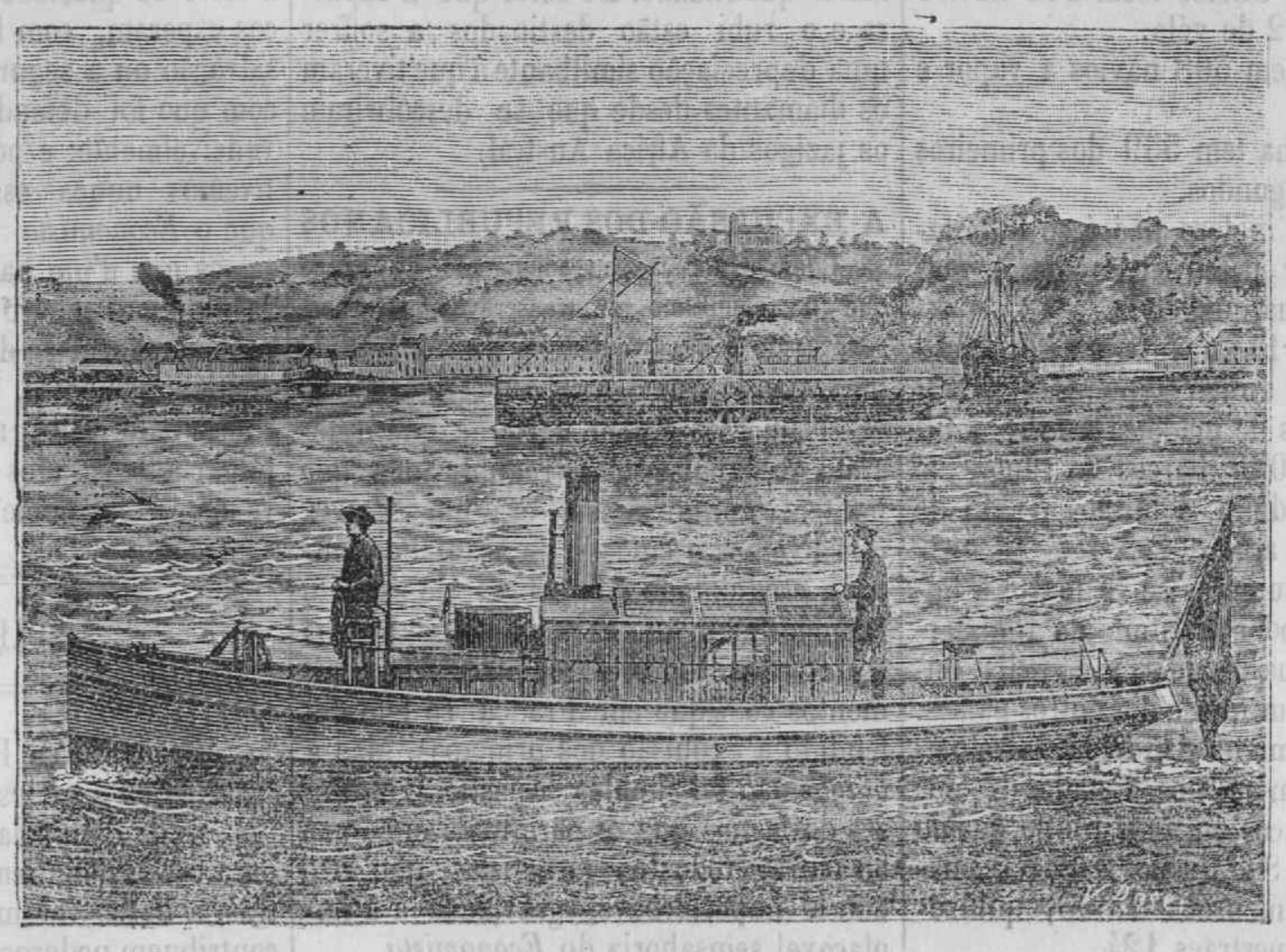
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇAO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERR

FUNDIÇAO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES A' PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor; construida em 1883, nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA industrial portugueza, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como **telhado, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo. etc.**

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempe em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a EMPREZA um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, Santo Amaro. Lisboa.

22

MOLESTIAS SECRETAS

CAPSULAS RAQUIN

Unicas capsulas de gluten **com copahiba**, approvadas pela Academia de Medicina de Pariz.

Como não se abrem no estomago, toleram-se sempre bem e não causam eructação. Empregadas sós ou com a *injecção de Raquin* curam em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas.

A Academia obteve 100 curas sobre 100 doentes, tratados por estas capsulas.

EXISTEM MUITAS IMITAÇÕES

Para evital-as, não se devem acceitar senão os frascos que levam sobre o involucro exterior a ***assignatura* de *Raquin*** e o sello official (em azul) do ***governo francez.***

DEPOSITOS: **FUMOUZE-ALBESPEYRES.** *78, Faubourg Saint-Denis,* PARIZ, e em todas as boas pharmacias do extrangeiro, onde se acham as mesmas capsulas de copahibato de soda, de copahiba e cubeba, de cubeba, alcatrão, ou terebinthina, e a **INJECÇÃO RAQUIN,** complemento de todo tratamento

Quasi de graça

154 POR liquidação se vende com 75 p. c. abaixo do preço da fabrica uma enorme quantidade de relogios e de prata Alfinide, proveniente do quebramento das fabricas reunidas de relogios e prata Alfinide.

Por 3$500 reis um bom relogio portatil. Por este preço baratissimo podem receber um finissimo relogio para senhoras ou senhores, «d'or Souble» ou de «Plaquet» repassado, o que não se póde distinguir dos relogios de verdadeiro ouro ou prata. No commercio é o preço d'elles o decuplo. Garantido por 4 annos.

Por 4$000 reis um relogio de «Argentina» ancre, com um optimo machenismo de precisão. Garantido por 5 annos.

Por 4$300 reis mandamos um magnifico relogio portatil «Repertoir de Plaquet» ou de verdadeiro «or double» arregalado com machenismo artificial. *Ultima novidade de Vienna*, chamado «Imperial-Nouveauté». Garantido por 4 annos.

Por 3$800 reis se recebe um excellente, bem arregalado e luminoso relogio de salão posto em quadro de madeira bem dourada e com estupendo quadrante empenhado da i r priv. materia luminosa a qual o faz de noite luminoso como a lua, assim que se podem ler as horas sem acender a luz.

Por 1$000 reis se recebe uma elegante cadeia de relogio de «Plaquet» que se póde transformar n'um instante em porta pena com tinteiro de carradura hermetica. Comodadissimo para todos.

Por 6$000 se recebe um optimo relogio *remontoir* de prata verdadeira o qual representa um valor de *40$000*. Esse relogio patenteado foi distinguido com 3 medalhas d'ouro nas exposições universaes. Garantido por 5 annos.

Por 3$850 reis apenas representante sómente a metade da mão de obra, do que antes se vendia por 60 francos, enviaremos o seguinte serviço de mesa de prata Alfinide, muito fino e duradouro: 6 formosas facas de meza, 6 garfos, 6 colheres de sopa, 6 bonitas colheres de chá, 1 grande colher de terrina, 1 grande colher de legumes, 3 formosas oveiras, 2 chicaras para sobremeza, 1 formoso pimenteiro e saleiro, 1 formoso coador para chá, 3 magnificos assucareiros, 6 formosos apoios para facas—Total 42 peças. Brancura garantida por 10 annos.

Enviaremos a mercadoria sempre franco de porte, se recebermos adiantadamente o importe por meio de mandado postal, valle de correio, introduzido entre Austria e Portugal desde d T.^mo de Abril 1886. (Acceitaremos tambem franqueios de correio portuguezes.) Devolve-se o dinheiro, caso a mercadoria não convenha. Dirigirem-se confiducia ao deposito geral de fabricas reunidas de relogios de prata Alfinide.

M. RUNDBAKIN

II HEDWIGGASSE 4

VIENNA AUSTRIA

As pessõas que conhecem as

PILULAS

DO DOUTOR

DEHAUT.

DE PARIS

não hesitam em purgar-se quando precisão Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais che convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario.

5 fr. e 2 fr. 50

CONTRA A DEBILIDADE

RECOMENDAMOS o Vinho Nutritivo de Carne, e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorisados.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior. 30

137

ASTHMA E CATARRHO.

Curados com os **CIGARROS ESPIC** Em França 2 fr. a CAIXA

Opressões, Tosses, Constipações, Nevralgias

Em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil.-Paris. Venda por grosso, J. ESPIC, Rue St-Lazare, 20. *Exigir esta assignatura sobre cada Cigarro.*

AFINADOR

145 OFFERECE-SE um afinador de pianos, com pratica d'este trabalho, e por preço convidativo.

Quem precisar dos seus serviços dirija-se a Joaquim Antonio Placido.

LARGO DO ROCIO—AVEIRO

LOMBRIGAS

134 NÃO ha remedio nem mais efficaz, nem que tenha merecido mais elogios como as pastilhas vegetaes de Moura. Com o uso d'ellas a expulsão das lombrigas é certa, infallivel e rapida. Os muitos communicados que com tanta frequencia, teem apparecido nos jornaes a respeito de seus maravilhosos effeitos, são a prova mais evidente da sua extraordinaria e incontestavel efficacia. Caixas de 100, 200 e 400 reis. No Porto, pharmacia de Felix & Filho.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

São falsificadas as pastilhas em cujas caixas não for o nome de Felix & Filho,

AS TOSSES

135 E TODOS os padecimentos das vias respiratorias, desapparecem rapida e completamente com o uso do xarope peitorál Moura. Este medicamento, que póde ser tambem administrado debaixo da fórma de pilulas, é de gosto muito agradavel e de effeito certo e seguro. O seu extraordinario consumo, sempre crescente e os nemerosos attestados de distinctissimos facultativos e de muitas pessoas que teem feito uso d'este precioso medicamento com o melhor resultado curativo, provam á evidencia a sua grande efficacia. Deposito geral no Porto, Felix & Filho. Preço 500 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

E' falsificado o xarope em cujos frascos não for o nome Felix & Filho.

ACABAM OS CALLOS

133 COM a applicação do empelastro preparado por Felix & Filho, desapparecem rapidamente os callos. No Porto, pharmacia de Felix & Filho. Preço 300 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

51

GOTTA E RHEUMATISMOS

CURA certa pelo **LICOR e pelas PILULAS do Dr Laville**

Estes Medicamentos são os unicos Antigottosos *analysados e approvados* pelo Chefe das Manipulações chimicas da Academia de Medicina de Paris, o Dr OSSIAN HENRY.

O **LICOR** *toma-se para curar os accessos.* — As **PILULAS** *tomão-se durante o estado chronico para impedir novos ataques e obter a cura radical.*

Para premunir-se contra as falsificações, deve-se exigir o SELLO do GOVERNO FRANCEZ e a assignatura

Venda por atacado em PARIS: COMAR, Pharmaceutico, rua St-Claude, 28

DEPOSITOS EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS

Laville D. M. P. da Faculdade de Paris.

COMPANHIA FABRIL SINGER

MAQUINAS PARA COSER
DE LA COMPAÑIA FABRIL
"SINGER"
DE NUEVA-YORK
SIN ESTA MARCA NINGUNA MAQUINA PUEDE SER LEGITIMA
PARA FAMILIAS E INDUSTRIALES

75—RUA DE JOSÉ ESTEVAM—79

PEGADO A' CAIXA ECONOMICA

AVEIRO

VINDE VER AS

Excellentes e ainda não igualadas machinas de coser de LANÇADEIRA OSCILLANTE, que esta Companhia tem á venda.

As suas grandes vantagens são:

BRAÇO MUITO ELEVADO

Lançadeira que leva um carrinho d'olgodão.

Não precisa encher canbila nem enfiar a lançadeira.

A agulha é sempre ajustavel.

Dá dois mil pontos n'um minuto!

Levissimas no trabalho e silenciosas sem igual.

Pesponto o mais perfeito e mais elastico, tanto em cambraia como nos tecidos mais grossos.

Não quebra as agulhas, nem corta a fazenda, todo o seu machinismo é ajustavel e com ouso e os annos está a machina sempre perfeita.

GARANTIDA POR 12 ANNOS

SINGER

Ao alcance de todas as fortunas. Vende-se a prestações de 500 REIS SEMANAES sem prestação d'entrada, e a dinheiro com grande desconto.

SINGER

A que tem obtido em todas as exposições os primeiros premios e ainda na ultima exposição de Amsterdam obteve o GRANDE DIPLOMA D'HONRA, premio superior é medalha d'ouro.

SINGER

Para familias, asfaiates, modistas, chapelleiros, sapateiros e correeiros.

SINGER

Para trabalhar á mão ou ao pé, e tão leve que uma creança a move sem se cançar.

SINGER

A que fabrica e vende directamente ao publico, evitando assim que o mesmo seja enganado com as imitações, e tornando-se d'esta forma a sua garantia solida e positiva.

SINGER

Vendeu só no anno de 1884 a enorme quantidade de 620:382 machinas! devido isto á sua grande aceitação, supplantando assim todos os outros systemas modernos, que jàmais poderão competir com a machina SINGER

SINGER

Não tem rival debaixo de nenhem conceito attestando a verdade d'estas palavras mais de SEIS MILHÕES de machinas sahidas das suas fabricas!

Ensino esmerado gratis em casa do comprador, e concertos gratis por todo o tempo.

Peçam-se catalogos illustrados contendo o preço das machinas.

Avisa-se o publico de que tenha todo o cuidado com as imitações.

Vende-se agulhas, algodões torçaes e oleo a preços baratissimos.

Deposito em todas as capitaes dos districtos de Portugal. 56

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE—LARGO DA VERA-CRUZ—AVEIRO.